

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo  
“Especialização em Pesquisa de Mercado”

NEIDE QUITTO

**MÉTODOS DE ESTRATIFICAÇÃO  
SOCIOECONÔMICA: UM ESTUDO  
COMPARATIVO  
QUALITATIVO/QUANTITATIVO**

São Paulo  
2015



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo  
“Especialização em Pesquisa de Mercado”

NEIDE QUITTO

# MÉTODOS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA: UM ESTUDO COMPARATIVO QUALITATIVO/QUANTITATIVO

Monografia apresentada à Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, em cumprimento às exigências do curso de Pós Graduação em Pesquisa de Mercado, sob orientação do Prof. Dr. Altay Alves Lima de Souza.

São Paulo  
2015

## **DEDICATÓRIA**

Aos pequenos príncipes, Lucas e Tiago, luzes da minha vida!

## **AGRADECIMENTOS**

A todos aqueles que cruzaram o meu caminho durante esta jornada e, que de muitas e diferentes formas me ofereceram apoio para que eu pudesse atingir essa realização: minha mãe e irmãos, colegas de trabalho, aos professores da graduação e pós graduação, que sempre me incentivaram a continuar nessa jornada, acreditando e me fazendo ver que todo o esforço valeria a pena. Em especial ao meu orientador, que tal qual uma bússola, confiou e me brindou com sua regência, acompanhando todo o desenvolvimento deste trabalho. Por fim e, acima de tudo, a Deus por me amparar na superação de mais esse desafio.

## RESUMO

Este estudo tem por questão central descrever sobre as possíveis diferenças existentes entre as métricas utilizadas para estratificar a população brasileira em seus níveis sociais, mais especificamente no que se refere à classe C, hoje aclamada como Classe Média. O estudo se propõe também a apresentar e comentar os fatores situacionais que podem envolver o distanciamento existente entre as classes sociais, levando-se em conta que a mudança de classe não se dá apenas pelo poder de compra, mas também por questões sociais e culturais que permeiam a qualidade de vida. Mais além, como objetivo secundário, sugere-se uma nova forma de análise da classe social, que contemple questões subjetivas da qualidade de vida. Para realização deste estudo, foram entrevistados 200 indivíduos das classes sociais B e C a partir do Critério Brasil. Foi utilizada a técnica *intercept* para análise de cunho estatístico e o questionário foi estruturado em escala psicométrica de Likert. O Teste ANOVA mostrou as diferenças existentes na avaliação de transporte público entre os grupos de classe C. O Post Hoc mostrou diferenças entre o Grupo C em todos os critérios com o grupo C do Critério Brasil e o Critério da FGV. A mesma diferença foi encontrada na avaliação relacionada à saúde privada da região que vivem os entrevistados. Foram verificadas também diferenças entre Critério Brasil e SAE quanto à percepção da longevidade, que mostra até que idade o indivíduo acredita que irá viver. Os entrevistados destes grupos acreditam que irão viver mais em relação aos dos outros grupos. Ao final deste estudo, concluiu-se que o critério utilizado atualmente, tanto pela ABEP quanto pela FGV e SAE, baseia-se na mensuração de itens de conforto e renda, ou seja, em informações objetivas do quadro econômico sem contemplar as questões da qualidade de vida e do bem estar social. Propõe-se então novas formas de avaliar e julgar os indivíduos em suas respectivas classes sociais, levando-se em conta questões subjetivas de qualidade de vida e o bem estar social.

**Palavras Chave:** Classes Sociais, Qualidade De Vida, Bem Estar Social.

## **ABSTRACT**

This study aims describes existing differences among the metrics used in stratifying the Brazilian population in its social levels, more specifically regarding middle class, which is referred to as class C. This study also presents and comments on the situation factors that may involve the distances between social classes, considering that social class mobility does not only happen due to purchasing power, but also to social and cultural matters thereof. Furthermore as a secondary objective, a new analysis method is suggested, which encompasses subjective matters regarding quality of life. Throughout the study, 200 individuals belonging to classes B and C per the “Brazilian criterion” have been interviewed. The intercept technique has been used for statistical analysis, whereas the questionnaire has been structured per Likert’s psychometric scale. The ANOVA test showed the differences between classes B and C in assessing public transportation. The Post Hoc showed differences in class C in all criteria, both regarding Brazilian and FGV criteria. The same difference has been found in the assessment related to private health within the interviewed people’s neighborhoods. Differences between Brazilian and SAE criteria have been verified regarding the perception of longevity, showing the age up to which each individual believes s/he is going to live. People belonging to these groups believe they will live longer than the others. It can be concluded eventually that the criterion used currently by FGV and SAE is based on measuring comfort and wealth items, i.e. objective economical information, and does not comprise quality of life and welfare characteristics.

**Keywords:** Social Classes, Quality of Life, Welfare State.

## RESUMEN

Este estudio tiene como cuestión central, describir las diferencias existentes entre las métricas utilizadas para estratificar la población brasileña en sus niveles sociales, más específicamente en lo que se refiere a la clase C, hoy aclamada como Clase Media. El estudio también propone presentar y comentar los factores de situación que pueden involucrar la distancia existente entre las clases sociales, considerándose que el cambio de clase no se da solamente por el poder de compra, pero también por cuestiones sociales y culturales que permean la calidad de vida. Más aún como objetivo secundario, se sugiere una nueva forma de análisis de clase social, que abarque cuestiones subjetivas de la calidad de vida. Para el desarrollo de este estudio, se entrevistaron 200 personas de las clases sociales B y C a partir del Criterio Brasil. Se utilizó la técnica *intercept* para análisis estadístico. El cuestionario ha sido estructurado por escala psicométrica de Likert. El Test ANOVA demostró las diferencias existentes en la evaluación del transporte público entre los grupos de la clase C. El Post Hoc ilustró diferencias en el Grupo C en los dos criterios, el Criterio Brasil y el de la FGV. La misma diferencia ha sido encontrada en la evaluación de la salud privada de la región donde viven los entrevistados. Se verificaron diferencias entre el Criterio Brasil y el de SAE cuanto a la percepción de la longevidad, la cual demuestra hasta qué edad el individuo cree que vivirá. Los entrevistados de estos grupos, creen que vivirán más que los de otros grupos. En el fin de este estudio, se concluyó que el criterio utilizado actualmente, tanto por ABEP cuanto por FGV y SAE, se basa en la mensuración de características de confort y renta; es decir, informaciones objetivas del cuadro económico, sin que abarquen las cuestiones de calidad de vida y bien estar social. Entonces se proponen nuevas formas de evaluar y juzgar los individuos en sus respectivas clases sociales, teniéndose en cuenta cuestiones subjetivas de calidad de vida y bien estar social.

**Palabras-clave:** Clases Social, Calidad de Vida, Bienestar Social.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	10
1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Histórico:.....	11
1.2 Histórico dos Métodos de Avaliação Sócio Econômico ao longo do Tempo .....	11
2. METODOLOGIA .....	19
2.1 Objetivos:.....	19
2.1.1 Objetivos Primários.....	19
2.1.2 Objetivos Secundários.....	19
2.2 Procedimento e Material Utilizados para a Coleta de Dados/ Coleta Fase Qualitativa.....	20
2.2.1 Coleta Fase Quantitativa.....	20
3.    DESENVOLVIMENTO.....	21
3.1 Avaliação das Classes Sociais .....	21
3.1.1 Critério Brasil .....	21
3.1.2 Critério FGV.....	22
3.1.3 Critério SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos) .....	22
3.1.4 Classe C - Conceito .....	25
3.1.5 Classe Média .....	25
3.1.6 A Nova Classe Média.....	25
3.2 Qualidade de Vida e Bem Estar Social .....	27
3.3 Mobilidade Social .....	29
3.4 A Falta De Estabilidade Econômica e a Vulnerabilidade da Classe C .....	31
3.5 Evolução do Volume de vendas do Comércio Varejista .....	32
3.6 Avaliação do Critério Sócio Econômico no Brasil.....	33
3.6.1 Fatores Condicionantes para a Avaliação Socioeconômica .....	34

3.7 - Qualidade de Vida .....	39
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	43
4.1 Participantes do Estudo.....	43
4.1 Análise Estatística Inferencial.....	45
4.2 Outros resultados Quantitativos.....	47
4.3 Questões Relevantes da Entrevista .....	47
5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES .....	53
5.1 A importância da Qualidade de Vida na mensuração de classes sociais: .....	54
5.3 Importância para os estudos em pesquisa de mercado.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS DE CAMPO.....	59

## APRESENTAÇÃO

Ingressa no curso de pós-graduação em Pesquisa de Mercado com o objetivo de conhecer a matéria com maior profundidade, afim de melhor atender as necessidades dos clientes e oferecer suporte no desenvolvimento de estudos qualitativos e quantitativos, proporcionando sugestões e criando soluções de acordo com a natureza do projeto. Durante o curso, foi desperta pelo interesse de estudar com maior profundidade as ferramentas utilizadas para determinar as classes sociais, como estas são aferidas, quais os critérios, os fatores e variáveis utilizadas. Com isso, empenhou-se em entender melhor a relação entre padrão de vida percebido pelas pessoas e as classificações formais institucionais.

Para tanto, foi necessário realizar um estudo utilizando variáveis que envolvem qualidade de vida, visto ser um fator relevante e que pode auxiliar no enquadramento das pessoas em suas respectivas classes sociais. Os critérios utilizados atualmente são de caráter objetivo e não avaliam a qualidade de vida e o bem estar social das pessoas, deixando de lado os aspectos subjetivos, que envolvem a condição das pessoas de pertencerem a um ou outro estrato social e tampouco garante mobilidade social.

Por fim, considerou-se de relevante importância para a Pesquisa de Mercado, a possibilidade de reavaliação dos critérios utilizados atualmente para classificar as pessoas em seus respectivos estratos sociais, considerando ainda a possibilidade de que os critérios venham a ser regionalizados, visto que os desejos e necessidades das pessoas, bem como padrão de vida e status social, mudam de região para região, se for levada em conta a diversidade que encontramos nas diferentes regiões do país.

Desta forma, viu-se como fundamental o aprofundamento deste estudo para que os Institutos de Pesquisa, os Diretores de Marketing e as Agências de Propaganda possam direcionar melhor seus produtos e serviços junto ao seu público alvo, em conformidade com seus respectivos estratos sociais.

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1 Histórico:**

A classe social, de acordo com a teoria weberiana, começou com o capitalismo e com a Revolução Industrial, quando então a sociedade foi dividida em grupos de proprietários rurais entre os burgueses e os que detinham o domínio de produção, e o grupo de operários, que possuía apenas a força de trabalho como riqueza.

Por mais rica que seja a contribuição weberiana para a teoria social, no que se refere ao campo das classes sociais, a sua problemática teórica conduz necessariamente ao economicismo. O operariado fabril integraria de imediato uma classe social, a classe operária, porque a chamada “situação de mercado” é considerada o elemento central para a determinação de classe. Esse campo de visão limita a problemática teórica e a pesquisa sobre as classes sociais, na medida em que torna secundários aspectos políticos, ideológicos e culturais relacionados ao modo de vida e ações coletivas dos trabalhadores, temas reconhecidamente relevantes para o trato da questão (FERRAZ, 2009).

No Brasil, a divisão de classes acontece a partir de 1970, criada pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA), que estabeleceu que a divisão de classes ocorreria a partir da contagem de pontos de 8 itens e teria 4 faixas: A, B, C,D. Esta divisão perdurou até 1974 (MATTAR, 1995).

Em 1976, houve a criação da ABIPEME e foram realizados estudos que deram origem as alterações das subdivisões de classes, passando então a ser A1; A2; B1; B2; C1; C2; D e E. A nova identidade denominada ANEP surgiu após a divisão na ABIPEME em 1991, e em 1997, surge o Critério Brasil endossado pelas 3 entidades: ABA/ABIPEME e ANEP.

No Brasil, as métricas utilizadas para mensurar as classes sociais são o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB), também chamado simplesmente de Critério Brasil, adotado pela ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa), e que utiliza itens de conforto para aferir a classificação socioeconômica (SOUZA e LAMOUNIER, 2010).

### **1.2 Histórico dos Métodos de Avaliação Sócio Econômico ao longo do Tempo**

Critério de Avaliação é “aquilo que é usado para efetuar diferenciações, distinções ou seleções; que é usado para discernir valores; capacidade de distinguir o certo do errado, o verdadeiro do falso, o bem do mal, entre outras” (DICIONÁRIO ONLINE LÉXICO, 2014).

Os Métodos de Avaliação Socioeconômica são ferramentas que têm como objetivo avaliar o poder de compra de grupos de consumidores, classificando a população em “classes sociais” e dividindo o mercado exclusivamente em classes econômicas. Esta ferramenta permite a estratificação de classes sociais em estudos de mercado realizados em diferentes regiões do país por diferentes empresas e em diferentes momentos.

Nas décadas de 30 e 40, muitos pesquisadores desenvolveram trabalhos de estratificação socioeconômica, cujas variáveis foram estudadas e modificadas ao longo do tempo, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1: Variáveis utilizadas em trabalhos de estratificação sócio econômica, ao longo do tempo

<b>Variáveis Utilizadas</b>	<b>Pesquisadores</b>
Ocupação, Tipo de residência Área residencial Fonte de renda	Warner et all (1949), Drake & Clayton (1945), Davis & Havinghurst (1946, 1947 e 1948), Havinghurst et all (1951 e 1952), Havinghurst & Russel (1945), Havinghurst & Breese (1947), Janke & Havinghurst (1945), Neugarten (1946), Schulman & Havinghurst (1947), Vogt (1947), Wecker (1949).
Ocupação Tipo de residência Área residencial Fonte de renda Impressão subjetiva do entrevistador	Aberle & Naegele (1952)
Ocupação Tipo de residência	Durval (1946)
Educação e interesse literário Aparência pessoal	

Tipo de residência Ocupação Reputação da família	Mc Donald et al (1949)
Área residencial Etnicidade Religião	Albrecht (1951)
Tipo de residência Ocupação Educação	Klatskin (1952), Stewart & Chambers (1950-1951), Sykes (1951)
Ocupação Renda	Mills (1946), Konarovski (1946)
Ocupação Riqueza Poder do status	Centers (1949)
Equipamentos materiais e expressões culturais da sala de estar Condições dos itens da sala de estar	Chapin (1933), Guttman (1942), Lundberg (1940)
Renda Ocupação Educação	Kiser (1949)
Mérito Escala Chapin Preço do automóvel	

Ocupação renda Renda Religião Status no trabalho Participação em associações	Cole (1945)
Renda Ocupação Residência Liderança Aluguel	Gilmore & Wilson (1945)

Fonte: Adaptado de MATTAR (1995)

Em muitos países, são utilizados critérios de classificação socioeconômica, entretanto observamos que nestes são utilizadas apenas variáveis objetivas para aferir classe social, com exceção da Itália, onde existe uma variável de caráter subjetivo.

Na Itália, a classificação é baseada na educação e educação do chefe da família, número de membros na família, número de pessoas que exercem atividades remunerada, montante da renda familiar *e uma variável subjetiva chamada padrão de vida*". (MAZZON e KAMAKURA, 2013, p.34).

A tabela abaixo demonstra os diferentes critérios e suas variáveis em alguns países da América Latina, América do Sul, Ásia e Europa.

Tabela 2: Variáveis e estratos dos critérios de estratificação sócio econômica utilizados nos principais mercados de interesse de marketing

País	Variáveis utilizadas	Estratos resultantes
<b>Argentina</b>  <i>AAM - Asociación Argentina de Marketing</i>	Educação do chefe da família Ocupação do chefe da família Índice de penetração de 11 bens de consumo	AB – muito alto C1 – alto C2 – médio C3 – médio baixo D1 – baixo superior D2 – baixo inferior E – marginal

<b>Brasil</b>  <i>ANEP - Associação Nacional de Empresas de Pesquisa</i>	Educação do chefe da família	A1
	Número de banheiros	A2
	Índice de penetração de 9 bens de consumo/serviço	B1
		B2
		C
	D	
	E	

<b>Peru</b> <i>Apoyo Opinión y Mercado</i>	Educação Do Chefe Da Família Nível Sócio Econômico Da Quadra (Censo De Observación) Nível Sócio Econômico Do Domicílio (Fotografias Da Casa) Índice De Penetração De 3 Bens De Consumo/Serviços	– superior – alto – médio – baixo
<b>Uruguai 1</b> <i>Marketing Investigadores Asociados</i>	Educação Do Chefe Da Família Ocupação Do Chefe Da Família Propriedade Da Casa (Se Própria Ou Alugada) Nível De Domicílio Índice De Penetração De 2 Bens De Consumo/Serviços	ABC1 – alto C2 médio D1 – baixo superior D2 – inferior
<b>Uruguai 2</b> <i>RI</i>	Educação Do Chefe Da Família Ocupação Do Chefe Da Família Propriedade Da Casa ( Se Própria Ou Alugada) Índice De Penetração De Bens De Consumo	AB – alto C1 – médio C2 – médio baixo D1 – médio baixo D2 – baixo E – marginal
<b>Colômbia</b>	Condições e qualidade da construção da moradia Localização da residência Serviços públicos disponíveis	
<b>América Central</b> <i>Guatemala - Nicarágua El Salvador - Panamá Honduras - Costa Rica</i>	Educação do chefe da família Ocupação do chefe da família Renda mensal Tipo de casa Índice de penetração de 10 bens de consumo/serviços	AB – alto C+ – médio alto C/C- – médio baixo – baixo – marginal
<b>Porto Rico</b>	Educação do chefe da família Ocupação do chefe da família Tipo de fonte da renda familiar	Alto Médio Baixo

<b>México 1</b>  <i>Regra 6x4</i>	Último ano de estudos do chefe da família Número de lâmpadas na casa Número de cômodos não considerando banheiros Número de banheiros com chuveiro na casa Índice de penetração de 2 bens de consumo	A/B/C+ – alto C – médio D+ – popular D/E – baixo
<b>México 2</b>  <i>Regra 13 x 6</i>	Variáveis do critério 6 x 4 mais  Tipo de assoalho da casa Índice de penetração de 6 bens de consumo	A/B – alto C+ – médio alto – médio D+ – popular alto – popular – baixo
<b>Chile</b>  <i>AIM - Asociación de Empresas de Estudios de Mercado</i>	Educação do chefe da família Ocupação do chefe da família Atividade do chefe da família Nível de renda familiar Localização da residência Características do entorno da residência Posse de automóvel	ABC1 – alto C2 – médio C3 – médio baixo – baixo – marginal
<b>Venezuela 1</b>  <i>Sovimo - Sociedad Venezolana de Investigación de Mercado</i>	Educação do chefe da família e cônjuge Ocupação do chefe da família Renda domiciliar mensal declarada N. Pessoas domicílio que geram renda Zona de residência Tipo de casa Índice de penetração de 15 bens de consumo/serviços	– alto superior – alto inferior – médio – médio baixo – marginal
<b>Venezuela 2</b>  <i>RI Research International</i>	Tempo de educação universitária Tipo de domicílio Índice de penetração de 10 bens de consumo/serviços	AB C D E
<b>Estados Unidos</b>	Renda anual do domicílio	

<b>Portugal</b>	Educação do chefe da família Ocupação do chefe da família	A/B C1 C2 D/E
<b>Itália</b>	Educação do chefe da família Ocupação do chefe da família Renda familiar Número de membros da família Número de membros que trabalham Nível de vida	alta média alta média média baixa baixa
<b>Reino Unido</b>	ocupação do chefe da família ou do principal gerador de renda do domicílio (chief income earner)	– média alta – média C1 – média baixa C2 – trabalhadora qualificada D – trabalhadora E – subsistência
<b>França</b>	grupos sócio profissionais PCS – Professionset Catégories Socio professionnelles	
<b>Rússia</b>	Na época da antiga União Soviética, a distribuição dos grupos sociais era feita em função da ocupação. Atualmente em processo de adaptação do Critério ESOMAR	
<b>Japão</b>	renda familiar anual antes de IR	alto médio alto médio baixo

Fonte: adaptado de MORIGUCHI(2000)

Em alguns países da América do Sul e Central, assim como na Europa, existem semelhanças em variáveis como educação e ocupação do chefe de família. Nos demais países, como Japão e Estados Unidos, são utilizadas apenas a Renda Familiar. Itens de penetração de bens de consumo e serviços aparecem em países da América Central e do Sul, bem como variáveis como, por exemplo, tipo de casa e características do entorno e do imóvel propriamente dito, tais como número de quartos e de banheiros. Apenas na Itália é utilizada uma variável de caráter subjetivo, como o nível de vida das pessoas.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Objetivos:**

#### **2.1.1 Objetivos Primários**

Com base no exposto, este trabalho tem como objetivo primário comparar os métodos entre si com a inclusão de quesitos e de fatores comportamentais, verificar a estrutura fatorial de qualidade de vida e bem estar social, bem como os casos de diferenças entre os critérios, que também representam diferenças entre qualidade de vida e bem estar social. Este trabalho procura avaliar também diferenças entre os critérios em função da percepção dos indivíduos sobre as estruturas sociais e, suas expectativas em relação ao futuro.

Buscou-se compreender o que cada uma das Instituições – ABEP, SAE e FGV- leva em conta para classificar os grupos em classe sociais A, B, C, mais especificamente os critérios que envolvem a classe C, e o que permite a esse grupo ser classificado como pertencente à classe média.

Foram abordados teorias e conceitos de classes sociais, como a mobilidade social pode ter relação com a qualidade de vida. Para tanto, buscou-se estudos econômicos relevantes para que se entenda como se deu o aumento de renda e conseqüentemente o aumento no consumo de bens e serviços, além de procurar compreender a qualidade e estilo de vida que compõem o grupo de classe social C, e de como essas questões subjetivas interferem no dia-a-dia das pessoas pertencentes à esta classe social. Serão apresentados os resultados do estudo realizado em campo, que verifica a existência de diferenças entre os critérios Brasil, FGV e SAE, bem como a estrutura fatorial de bem estar e qualidade de vida. Verifica também os casos de diferenças entre os critérios e que também representam qualidade de vida. Será exposto um levantamento estatístico a respeito do fato de que a qualidade de vida envolve aspectos tais como o bem estar físico, mental, psicológico e emocional dentro dos relacionamentos sociais e seus reflexos na vida em comunidade. “O que uma família com uma particular composição familiar recebe em São Paulo não tem o mesmo poder de adquirir bens e serviços comparativamente a uma família similar no interior da Bahia ou na zona rural do Rio Grande do Sul, por exemplo.” (KAMAKURA MAZZON, 2013, p. 22).

#### **2.1.2 Objetivos Secundários**

Como objetivo secundário, será feita adaptação de uma escala de bem estar para aferir as classes sociais que contemplem questões subjetivas de qualidade de vida. Serão verificados os casos de diferenças entre os critérios em função da percepção sobre as infraestruturas sociais, como por

exemplo, transporte público, segurança saúde e expectativa de futuro. Serão verificados também aspectos relacionados à subjetividade do cotidiano dos entrevistados e de como os indivíduos se percebem na comunidade que estão inseridos.

## **2.2 Procedimento e Material Utilizados para a Coleta de Dados/ Coleta Fase Qualitativa**

A técnica utilizada para análise de cunho estatístico foi *intercept* e o questionário foi estruturado com perguntas para respostas em escala psicométrica de Likert. A análise das entrevistas foi realizada de maneira quantitativa.

Os bairros abordados foram os chamados de periferia, cuja “especulação imobiliária transformou a cidade segregada, com loteamentos, muitas vezes clandestinos, numa condição de ilegalidade” (CALDEIRA, 1984 p.23). Os participantes foram questionados a respeito de particularidades relacionadas à sua percepção nas relações e interações sociais e aos aspectos relacionados à sua vida cotidiana e pessoal.

Foram realizadas entrevistas quantitativas com o questionário estruturado em perguntas fechadas, com escala de 0 a 10, que pudesse responder o quanto o entrevistado estaria preocupado com os fatores relativos à saúde e bem estar social.

### **2.2.1 Coleta Fase Quantitativa**

Foram realizadas também entrevistas por telefone para que fosse apurado com maior profundidade o que os entrevistados acreditam ser classe alta, classe média e classe baixa, e como estes se situam ou se percebem dentro das classes sociais, além de investigar qual sua expectativa de futuro, mais precisamente daqui a cinco anos.

Na fase qualitativa, foram entrevistadas seis pessoas que foram “pinçadas” do banco de dados da fase quantitativa. Os critérios para a seleção das pessoas que fazem parte da fase qualitativa foram as diferenças encontradas nos três critérios investigados. Critério Brasil, Critério FGV e Critério SAE assim distribuídos:

- Entrevistados na fase quantitativa, que estão diferentes em todos os critérios;
- Entrevistados na fase quantitativa, que estão diferentes em um dos critérios;
- Entrevistados na fase quantitativa, que estão iguais em todos os critérios;
- Entrevistados na fase quantitativa, que estão diferentes em dois critérios

Os indivíduos entrevistados na fase quantitativa são de classe social C pelo critério Brasil e foram comparadas com os critérios FGV e SAE.

### 3. DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 Avaliação das Classes Sociais

##### 3.1.1 Critério Brasil

A inserção de um indivíduo em uma classe econômica segue um padrão cujos critérios podem variar de acordo com o instituto de pesquisa que se utiliza. Como não há um padrão mundial a se seguir, a ABEP elaborou o Critério de Classificação Econômica Brasil que serve como base para a maioria dos questionários sobre o poder de consumo de cada família.

O CCEB, de acordo com a Ipsos, é um sistema de classificação que tem o objetivo de ser uma forma única de avaliar o poder de compra de grupos de consumidores. Esse critério deixa de lado a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais” e divide o mercado exclusivamente em classes econômicas. É uma ferramenta que permite a comparação entre estudos realizados em diferentes regiões do país por diferentes empresas e em diferentes momentos.

O objetivo da ABEP é construir um sistema de pontuação que seja padronizado e eficiente estimador da capacidade de consumo, que discrimine coerentemente os grandes grupos de acordo com a sua capacidade de consumo de produtos e serviços acessíveis a uma parte significativa da população, classifique os domicílios, assumindo como pressuposto que a classe é uma característica familiar, e acima de tudo, que seja de fácil coleta e operacionalização. A padronização do critério implica em uniformidade geográfica e estabilidade ao longo do tempo. Abaixo, tabela de cortes de classificação do Critério Brasil.

Tabela 3: Cortes do Critério Brasil

<b>Classe</b>	<b>Pontos</b>	<b>Total Brasil (%)</b>
A1	42-46	0,9%
A2	35-41	4,1%
B1	29-34	8,9%
B2	23-28	15,7%
C1	18-22	20,7%
C2	14-17	21,8%
D	8-13	25,4%
E	0-7	2,6%

Fonte: ABEP (2014)

### 3.1.2 Critério FGV

A FGV (Fundação Getúlio Vargas) utiliza faixas de renda familiar como ferramenta para definir classes sociais no Brasil a partir de micro dados da PNAD - IBGE (Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílio), que é elaborada pelo CPS - FGV (Centro de Políticas Sociais). Esse critério determina intervalos de renda para classificar a população (FGV, 2014).

Quadro 1: Critério de classificação de classe social por renda FGV, 2011

1) Classe A: Acima de R\$9.745,00
2) Classe B: de R\$7.475,00 a R\$9.745,00
3) Classe C: de R\$1.734,00 a R\$7.475,00
4) Classe D: de R\$1.085,00 a R\$1.734,00
5) Classe E: de R\$0,00 a de R\$1.085,00

### 3.1.3 Critério SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos)

A Secretaria de Assuntos Estratégicos é um órgão de governo que formula políticas públicas de longo prazo voltadas ao desenvolvimento econômico e social do Brasil. Entre os pontos básicos de atuação da SAE estão a nova classe média, a erradicação da pobreza, o desenvolvimento pleno na primeira infância (até 3 anos); a oportunidade para a juventude e a integração social, espacial e simbólica das favelas nas grandes cidades do país.

O critério que a SAE utiliza foi desenvolvido com base em estudo com a parceria de um grupo de especialistas na área de economia, sociologia e de pesquisas de opinião. Seu principal objetivo é a formulação de políticas públicas e, neste sentido, utiliza como critério básico a vulnerabilidade socioeconômica e a renda da população (SAE, 2014).

Tabela 4 Grupos de renda da população

GRUPOS DE RENDA DA POPULAÇÃO				
Classificação do governo (SAE)			Novo critério a ser adotado pela Abep em 2014	
Grupo	Renda per capita	Renda familiar	Grupo	Renda média familiar
Extremamente pobre	Até R\$ 81	Até R\$ 324	1	R\$ 854
Pobre, mas não extremamente pobre	Até R\$ 162	Até R\$ 648	2	R\$ 1.113
Vulnerável	Até R\$ 291	Até R\$ 1.164	3	R\$ 1.484
Baixa classe média	Até R\$ 441	Até R\$ 1.764	4	R\$ 2.674
Média classe média	Até R\$ 641	Até R\$ 2.564	5	R\$ 4.681
Alta classe média	Até R\$ 1.019	Até R\$ 4.076	6	R\$ 9.897
Baixa classe alta	Até 2.480	Até R\$ 9.920	7	R\$ 17.434
Alta classe alta	Acima de 2.480	Acima de R\$ 9.920	—	

*Fontes: Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) e livro "Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil"*

Fonte: SAE (2014).

A SAE define como classe média as famílias com renda *per capita* entre R\$ 641 e R\$ 1.019, valores corrigidos até abril de 2014. O ministro da SAE, Moreira Franco (2012), em entrevista para a agência Brasil, afirmou que:

Nós enfrentamos o problema [de definir a classe média] para evitar justamente essa politização. Precisamos ter um conceito dos grupos sociais, das classes, no Brasil, que nos permita formular políticas públicas com foco, que se dirijam adequadamente às pessoas desses grupos, de acordo com suas expectativas, necessidades e demandas.

Apesar dos diversos estudos, que buscam classificar as classes sociais, parece existir um vácuo entre uma classe e outra, o que dificulta a mensuração e a afirmação a respeito de que classe o indivíduo pertence. Além disso, todos os critérios se baseiam em informações objetivas para a classificação socioeconômica e é apenas nisso que concordam, na objetividade dos critérios adotados.

O Critério Brasil se baseia em itens de conforto para classificar as pessoas em níveis sociais, isto é, avalia a capacidade de consumo para bens e serviços. Esses dados entretanto, revelam o passado do consumidor, ou seja, contempla a conquista de bens e serviços até a data da abordagem para aferir o status sócio econômico. Além disso, não há como saber se esses bens e serviços foram conquistados por condições financeiras ou se foram ganhos, ou ainda se

houve uma mudança de situação domiciliar como, por exemplo, uma separação conjugal na qual os indivíduos voltam para a casa dos pais e levam os pertences, ou ainda se resolveram morar num mesmo domicílio por não poderem pagar aluguel, ou ainda o fato de que a pessoa pode ter tido condições de consumo por ocasião de uma rescisão contratual. Neste caso, o consumo se deu por conta do desemprego, portanto o Critério Brasil não trata da condição atual ou das possibilidades de poder de compra atuais da pessoa que está sendo investigada.

Há algumas distorções que devem ser levadas em conta como, por exemplo, a posse de aparelhos eletrodomésticos ou eletrônicos. Isso porque, com as facilidades (de crédito) uma família, mesmo não dispondo de liquidez, poderá realizar um sacrifício e adquiri-los e poderá classificar-se num estrato que não é o seu. (MATTAR, 1995, p.30).

O Critério FGV classifica as pessoas pela renda familiar, entretanto existe uma distância a ser considerada entre as rendas que vão de uma classe a outra, principalmente no que se refere à classe C, na qual existe uma diferença de R\$ 5.741,00, enquanto que para a classe B a diferença é de R\$ 2.200,00. Já para a classe E, considera-se que a faixa de renda deverá ser entre R\$ 0,00 e R\$ 1.085,00, quando se supõe que zero não é renda. No Brasil, há alguns problemas sérios para a utilização de renda familiar como critério de classificação:

- 1º Dificuldade de coleta: 10% a 15% dos entrevistados se recusam a informar a renda;
- 2º Desatualização: os índices de aumento salarial desatualizam rapidamente o critério;
- 3º Dissídios coletivos realizados em meses diferentes não permitem uma uniformidade de critérios (MATTAR, 1995).

Um outro problema que podemos encontrar quando solicitamos a renda familiar, é o fato de que o declarante pode não saber quanto ganha os outros membros da família, ou tem conhecimento dos salários e apenas alguns dos membros da família. Nesse caso, não há como a pessoa estimar a renda familiar.

A SAE tem a renda familiar e *per capita* como forma de aferir as classes sociais. Sob este prisma, se o salário mínimo deve suprir as necessidades básicas, e levando-se em conta que a classe média tem condições de consumo que vão além das necessidades básicas, o critério da SAE é no mínimo paradoxal. Preconiza que a renda *per capita* da baixa classe média e da media classe média é inferior ao salário mínimo e não considera bem estar social ou qualidade de vida. “Pertencer a uma "classe" ou estrato social implica muito mais que estatísticas sobre renda total ou *per capita*. Há toda uma questão de *habitus*” (BOURDIEU, 2000, p.7)

“O processo de estratificação social é significativamente diferente entre os grandes centros populacionais industrializados e pequenas comunidades, distantes de grandes centros”

(MATTAR, 2009, p. 46). “A Abordagem subjetiva compreende os métodos de posicionamento dos indivíduos na hierarquia social, através das suas próprias concepções de que classe pertencem, uma espécie de auto avaliação seguida de autoclassificação” (MATTAR, 1995, p. 58).

Quadro 2: Variáveis Apresentada por Gilbert

Prestígio pessoal: reconhecimento do indivíduo pela comunidade em que vive
Ocupação: respeito adquirido pela atividade ocupacional
Posses: detenção de capital de bens de consumo
Interação: contatos sociais do indivíduo
Consciência de classe: capacidade das pessoas se identificarem em um grupo social
Orientação de valores: convicções assumidas pelas pessoas sobre o que consideram bom, importante ou bonita

### 3.1.4 Classe C - Conceito

A classe C é uma classe de trabalhadores que podem ser chamados de operários com pouca qualificação. Esse grupo de pessoas exerce funções como as de garçons, empregadas domésticas, pequenos investidores, vendedores ambulantes, e também aqueles que têm como fonte de renda o trabalho informal, como por exemplo, camelôs e manicures. Moram geralmente em periferias dos grandes centros, têm pouco grau de escolaridade e qualidade de vida comprometida pela falta de tempo, de dinheiro ou mesmo de estímulos para atividades de lazer.

### 3.1.5 Classe Média

Para Sobreira (2012), economista da Escola Brasileira de Administração Pública e Economia (EBAPE) da FGV-Rio, “qualquer definição de classe média vai ser sempre passível de ser criticada. Definir o que é uma classe média é complicado, tem um grande impacto ideológico”. (...) é uma classe social de um grupo de pessoas com poder aquisitivo, qualidade de vida e de consumo que vão além dos gêneros de primeira necessidade.

### 3.1.6 A Nova Classe Média

A Nova Classe Média surgiu logo após a introdução da nova moeda, em 1994, com o objetivo de combater a inflação e estabilizar a economia. O Plano Real gerou uma possibilidade de aquisição de produtos e serviços que anteriormente não podiam ser adquiridos por esta classe por conta dos preços elevados e da inflação, que consumia o salário dos trabalhadores.

O professor do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, Safatle (2014), aponta em entrevista à Revista Brasil de Fato que “as diferenças sociais não passam apenas pelo poder de compra, mas também pelas políticas públicas que geram a qualidade de vida”.

Sabemos que os indivíduos têm necessidades, emoções e ambições, que envolvem bens de consumo em busca de ascensão social. Diante do evento do Plano Real, as empresas produtoras de bens de consumo e serviços tiveram que se ajustar à nova realidade econômica brasileira, passando a produzir grandes quantidades de produtos com as mesmas características, ou seja, a produção em série. Além disso, as baixas taxas de importação aumentaram a concorrência, forçando os preços para baixo, fazendo surgir o consumo em massa, que garantiu que produtos e serviços estivessem acessíveis, e poderiam ser consumidos como nunca tinham sido antes.

Um evento importante na economia brasileira surgiu com o Plano Real, marcas desconhecidas ofereciam produtos de menor qualidade, porém com preços acessíveis e que atendiam as necessidades da classe emergente.

(...) com a explosão de consumo que se seguiu ao Real pequenos e médios fabricantes regionais ocuparam as brechas deixadas pelas grandes marcas e passaram a abastecer os lares da base da pirâmide, carentes de produtos, serviços e preços compatíveis com suas necessidades (BLECHER, 2002).

Com as empresas adaptando seus produtos para atender a um novo mercado, com o consumo de massa e a moeda estabilizada, surgiu uma nova nomenclatura para a classe C, Nova Classe Média. A Nova Classe Média trabalha 12 ou mais horas por dia. Muitas vezes, divide-se entre dois empregos e trabalha inclusive de final de semana. Os membros desta classe não costumam ler e não costumam ter tempo para o lazer. Não viajam por razões culturais ou para experimentar novas realidades, pessoas ou culturas. Viajam para o interior do estado ou para outros estados do Brasil para casa de parentes, para visitas sociais e não culturais, uma vez a cada dois anos. 55% (cinquenta e cinco por cento) dos entrevistados não pretendem viajar nos próximos 6 meses, 5% (cinco por cento) não sabem se viajarão e 45% (quarenta e cinco por cento) vão viajar para casa de parentes em visita social.

O status socioeconômico deve ser inferido a partir de indicadores que revelam a capacidade do indivíduo de se mover ou permanecer no estado atual e sua capacidade para tirar proveito dos recursos da sociedade (KAMAKURA e MAZZON, 2013, p.32).

Ser incluído socialmente e pertencer a grupos sociais com os quais se identifica depende da estabilidade econômica e dos juros baixos. Quando estes oscilam, mudam seus hábitos para

melhor adequação e equilíbrio os gastos. A Nova classe média não compartilha, por exemplo dos mesmos lugares que a classe média tradicional, que tem ideologias diferentes, goza de certos privilégios, que lhe propiciam qualidade de vida (viagens a lazer e culturais) e tem por objetivo a exclusividade. Consegue com menor esforço e angústia passar pelos altos e baixos da economia, sem precisar abrir mão de necessidades básicas e sem perder o valor cultural.

A classe alta compreende uma parcela de aproximadamente 10% da população do Brasil. É a camada da sociedade que tem como privilégios motorista particular, carros que servem para o trabalho e outro para o lazer, iates em marinas, casas em praias particulares, vivem em casas amplamente confortáveis com quartos individuais, suítes, piscina, amplos jardins, quadras de esporte e academias particulares em bairros nobres da cidade cercados de seguranças 24 horas por dia, o que lhes garante qualidade de vida (IBGE, 2014).

### **3.2 Qualidade de Vida e Bem Estar Social**

A expressão ‘Qualidade de Vida’ foi empregada pela primeira vez pelo presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, em 1964, que declarou que “os objetivos sociais não podem ser medidos através do balanço dos bancos, mas através de qualidade de vida que proporcionam as pessoas,” (KLUTHCOVKY; TAKAYANAGUI, 2007). Já no ponto de vista de Campbell apud Awad & Voruganti (1976, p. 558), "qualidade de vida é uma vaga e etérea entidade, algo sobre a qual muita gente fala, mas que ninguém sabe claramente o que é". “A Abordagem subjetiva compreende os métodos de posicionamento dos indivíduos na hierarquia social, através das suas próprias concepções de que a que classe pertencem, uma espécie de auto avaliação seguida de autoclassificação” (MATTAR,1995 p. 58).

Estudos apontam para o fato de que a qualidade de vida envolve aspectos tais como o bem estar espiritual, físico, mental, psicológico, emocional, bem como relacionamentos sociais como família e amigos e os seus reflexos em sua comunidade. A expressão qualidade de vida indica as condições que um indivíduo tem em seu meio ambiente e indica disposição e ânimo para sobrevivência no ambiente em que vive, superando problemas existentes. Portanto não há como confundir padrão de vida com qualidade de vida. Enquanto a qualidade de vida está ligada a aspectos de ordem subjetiva, o padrão de vida está relacionado à questões objetivas como renda, poder econômico, itens de conforto e bens materiais, que levam à situações de desigualdade econômica e conseqüentemente de desigualdade social. Segundo Vilarta e Gonçalves (2004, p. 33),

objetividade das condições materiais: interessa a posição do indivíduo na vida e as relações estabelecidas nessa sociedade; subjetividade: interessa o

conhecimento sobre as condições físicas, emocionais e sociais relacionadas aos aspectos temporais, culturais e sociais como são percebidas pelo indivíduo.

Ao se falar em qualidade e padrão de vida do ponto de vista do marketing, leva-se em consideração as métricas utilizadas pelos institutos de pesquisa como a ABEP, que como o Critério Brasil leva em conta os itens de conforto das famílias. Tendo conceitualmente que a qualidade de vida está ligada ao estado de saúde física, mental e emocional, o padrão de vida está ligado ao poder aquisitivo, mas não ao degrau social. Os deleites e privilégios usufruídos por classes mais elevadas não estão ao alcance dos indivíduos de todas as classes. São esses privilégios que distanciam os indivíduos entre uma classe social e outra. O fato de alguns terem aumentado relativamente o poder de compra, pelo menos por um período de estabilização econômica do país, que está altamente ameaçada, não os transporta de uma classe para outra mais elevada. Tais privilégios distanciam os indivíduos de grupos sociais, separam ricos e pobres por diversos fatores, tais benefícios são intangíveis como qualidade de vida e o bem estar social.

De acordo com estudo realizado em 2010 pela ONU (Organização das Nações Unidas), as principais causas de desproporcionalidade social é a falta de acesso à educação de qualidade, a política fiscal injusta, baixos salários e dificuldade da população em desfrutar de serviços básicos oferecidos pelo Estado como: saúde, transporte público e saneamento básico. Isso cria as diferenças e distanciamentos entre ricos e pobres.

As empresas vêm cada vez mais exigindo maior nível de escolaridade dos trabalhadores. Aos que não apresentam pelo menos ingresso ao ensino superior, restam os cargos que não exigem qualificação técnica e conseqüentemente os menores salários, o que provoca a desigualdade de renda. A educação é um dos fatores de mobilidade social segundo a ABEP, através do Critério Brasil, indicador de classe social. Porém, a últimas pesquisas realizadas pelo MEC, indicam a existência de enfraquecimento nos níveis de ensino superior.

Se a educação está entre os fatores relacionados à desproporcionalidade social, veremos abaixo que a educação no Brasil, apesar dos indicadores de que houve crescimento no acesso da classe C à educação, vem diminuindo. Os dados revelam que a quantidade de alunos que concluíram os estudos nesse segmento da educação foi de 991.010 enquanto o número de matriculados era de 2.742.950 em 2013. “A noção de estrato sócio econômico enfatiza a conquista de status, usando escala de educação e renda como causa e efeito do status ocupacional” (MAZZON, 2013).

A Tabela abaixo mostra a evolução do número de ingressantes e concluintes em curso de graduação nos últimos 10 anos.

Tabela 5: Evolução do Número de Ingressantes e Concluintes em Cursos de Graduação

	Ingressantes	Concluintes
2003	1.554.664	532.228
2004	1.646.414	633.363
2005	1.805.102	730.484
2006	1.965.314	762.633
2007	2.138.241	786.611
2008	2.336.899	870.386
2009	2.065.082	959.197
2010	2.182.229	973.839
2011	2.346.695	1.016.713
2012	2.747.089	1.050.413
2013	2.742.950	991.010

Fonte: INEP (2014)

Como se pode ver, o número de pessoas que ingressam no curso superior é muito maior em relação aos que chegam a concluir o curso.

### 3.3 Mobilidade Social

A definição de saúde para a OMS (Organização Mundial da Saúde) “é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doenças”, ou seja, a saúde não está associada apenas ao bem estar físico, inclui características relacionadas ao bem estar social e à cidadania, como fator de equidade no âmbito social, que inclui outros atributos como a educação, alimentação e renda, dentre outros. Enfim, ambientes que favorecem o acesso às experiências em relação à qualidade de vida e que possibilitem uma oportunidade de elevar o padrão de vida, ligados a fatores socioeconômicos e que visem à promoção e elevação de classe social, estão relacionados à saúde.

À medida que uma sociedade vai evoluindo e se transformando numa sociedade industrial de produção de massa, cada vez mais camadas da população passam a ter acesso a uma maior quantidade de bens sociais, sem que isso signifique que os indivíduos que passam a ter acesso a esses bens tenham, somente por causa deste fato, mudado de estrato (MATTAR, ano, p. 27)

O aumento do poder de compra não significa que houve mudança de status, pois por mobilidade social entende-se a possibilidade de um indivíduo subir de nível de classe social. Marangoni (2011) relata ao Presidente da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing Francisco Gracioso) que:

quando falamos sobre as mudanças de classes sociais ocorridas recentemente no país, não estamos falando propriamente de mobilidade social, mas numa mobilidade em termos de poder de compra. A mobilidade social significa que você sai de uma classe mais baixa e passa para a classe média. Mas você só pode dizer que participa dessa nova classe se tiver os benefícios sociais e econômicos que ela oferece como: cultura, lazer, acesso à saúde, educação etc.

A mobilidade social, a qual estamos assistindo, refere-se à mobilidade horizontal, pois segundo a sociologia, o indivíduo sofre alterações de salário e, conseqüentemente, aumenta o seu poder de compra, mas permanece no seu status social. É diferente quando a mobilidade está no sentido vertical, quando o indivíduo sofre uma mudança de padrões de sociabilidade em modos e comportamentos que lhe permitam fazer parte de um grupo social mais elevado que o anterior, a partir de mudanças estruturais que lhe permitam fazer parte de grupos que o aceitem como membro e isso não significa querer, significa poder fazer parte de outra categoria de vida social, cujas conveniências passam pelas boas maneiras, sociabilidade e urbanidade e não apenas pelo hedonismo, ou seja, a excessiva busca de prazer como modo de vida, ou ainda o consumo como forma de mostrar o que se pretende ser (PIEDADE, 2009).

Os ocupantes de um mesmo estrato social partilham de forma assemelhada dos mesmos valores e rendem a ter comportamento similar, tanto geral quanto para compras. A similaridade no comportamento, a tendência a vestir-se da mesma forma, a colocar os filhos em escolas do mesmo nível, a ter os mesmos tipos de lazeres, a frequentar lugares do mesmo nível, a compartilhar dos mesmos interesses, acabam por delimitar os territórios ao marcar a adesão (aceitar e ser aceito) aos grupos sociais (MATTAR, (1995, p. 11).

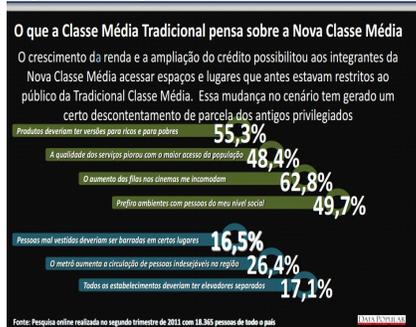
“A habitação é parte do conceito de desenvolvimento sustentável, que considera a moradia adequada, condição determinante para a qualidade de vida da população” (IBGE, 2014).

Sem querer ser apocalíptica, a ascensão social pode ser possibilitada, porém não generalizada. Acontece por razões intrínsecas e extrínsecas do indivíduo e consumir produtos e serviços não endossa cidadania. “A ascensão social não depende apenas do esforço individual. Depende de políticas públicas, situação econômica e uma série de outros fatores” (MARANGONI, 2011, p. 12).

A figura abaixo mostra uma pesquisa realizada pelo Data Popular, empresa especializada em estudos da classe C, que para ter inclusão ou pertencer aos grupos sociais que aspiram, é preciso passar por barreiras nem sempre facilitadas pelas classes mais abastadas e tradicionais. O preconceito social causado pelas diferenças de poder aquisitivo, cultura e posição social divide a população hierarquicamente e gera intolerância, deixando claro que uma distância

radical deve ser mantida. Para CALDEIRA, (1984, p.113), “um certo estilo de vida tem também a ver com hábitos, como maneiras cristalizadas de fazer as coisas, com valores.”

Figura 1 O que a Classe Média Tradicional Pensa Sobre a Nova Classe Média



Fonte: Data Popular (2011)

### 3.4 A Falta De Estabilidade Econômica e a Vulnerabilidade da Classe C

A hierarquização da sociedade através de estratos sociais é aberta e permite que haja ascensão (ou descensão) sociais, em função da aquisição (ou perdas) dos indivíduos e famílias de certas características consideradas importantes pela sociedade no processo de estratificação social. Os fenômenos de mobilidade ascendente (ou descendente) explicam muitas das decisões de compra (MORIGUCHI, 2000, p. 10).

Certos de que irão ascender socialmente, os trabalhadores se deixam levar pela fascinação dos juros baixos e das longas prestações para obtenção de produtos e serviços. Tais produtos e serviços lhes oferece satisfação imediata e o reconhecimento de grupos nos quais se inspiram, pois demarca diferenças sociais e tem o poder de inclusão em grupos a que pretende pertencer. Porém, as consequências para obtenção desse reconhecimento e em acreditar nos discursos publicitários, que dizem que a felicidade está no shopping ao alcance de todos em baixas prestações mensais e em liquidação, muitas vezes, leva ao endividamento. A diminuição do poder de compra das famílias e a falta de estabilidade econômica tornam a classe C vulnerável. Segundo a SAE (2014),

o grau de vulnerabilidade foi definido como sendo a probabilidade de retorno (ou permanência, se a pessoa já era pobre) à condição de pobreza em algum momento dos próximos 5 anos. Esta probabilidade foi obtida a partir da observação empírica dos movimentos de ascensão e queda de renda da população brasileira nos últimos anos

De acordo com o Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho), a economia brasileira gerou 101425 empregos com carteira assinada no mês de agosto de 2014, uma queda de 20,5% em comparação ao mesmo mês do ano anterior, quando

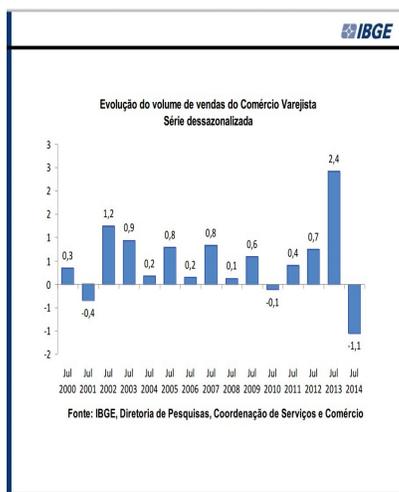
foram abertas 127648 vagas formais. “foi o pior resultado desde agosto desde 2012, quando foram abertas 100938 vagas com carteira assinada” (RAMALHO, 2014).

### 3.5 Evolução do Volume de vendas do Comércio Varejista

De acordo com os especialistas da Serasa Experian, empresa mundial em serviços de informação,

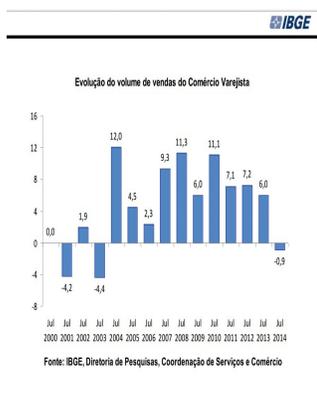
o aumento do número de inadimplentes deve-se ao crescente endividamento das famílias e ao descontrole do consumidor ao assumir novos financiamentos, sem considerar as contas fixas mensais e outras dívidas já contraídas. Parcelamento de compras com juros altos (como de imóveis e carros), bem como as altas taxas cobradas pelo uso do cheque especial e do rotativo do cartão de crédito, também são fatores que comprometem o orçamento e ajudam a levar as famílias para o caminho da inadimplência. As dívidas não bancárias, como carnês de lojas e aquelas contraídas junto aos bancos, foram as principais responsáveis pela alta da inadimplência.

Figura 2: Evolução do Volume de Vendas do Comércio Varejista



Fonte: IBGE (2014)

Figura 3: Evolução do Volume de Vendas do Comércio Varejista



Fonte: IBGE (2014)

Tabela 6: Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor – Variação Acumulada em 12 meses

Mês	PEFIN (1)	REFIN (2)	Protestos	CCF (3)	Geral
jan/14	-7,6%	0,4%	8,3%	-9,9%	-3,2%
fev/14	-9,7%	0,4%	11,4%	-9,1%	-4,1%
mar/14	-11,6%	0,6%	14,8%	-9,5%	-4,9%
abr/14	-12,8%	0,6%	14,2%	-10,6%	-5,6%
mai/14	-12,7%	0,4%	16,4%	-10,3%	-5,6%
jun/14	-11,2%	-0,3%	15,1%	-9,7%	-5,1%
jul/14	-7,9%	-0,9%	14,5%	-10,0%	-3,8%
ago/14	-3,6%	-0,7%	11,4%	-9,3%	-1,7%
set/14					
out/14					
nov/14					
dez/14					

(1) Fluxo mensal de anotações de dívidas em atraso junto às financeiras, cartões de crédito e empresas não financeiras					
(2) Fluxo mensal de anotações de dívidas em atraso junto aos bancos					
(3) Fluxo mensal de cheques devolvidos por insuficiência de fundos (2a. devolução)					

Fonte: Serasa Experian,( 2014)

### 3.6 Avaliação do Critério Sócio Econômico no Brasil

O Brasil utiliza o CCEB (Critério de Classificação Econômica Brasil) ou simplesmente Critério Brasil, adotado pela ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) para mensurar as classes sociais, utilizando itens de conforto para aferir a classificação socioeconômica (SOUZA e LAMOUNIER, 2010). De acordo com a Ipsos o Critério Brasil é uma forma única de avaliar o poder de compra de grupos de consumidores, deixando de lado a pretensão de classificar a população em termos de “classes sociais” e dividindo o mercado exclusivamente em classes econômicas.

O objetivo da ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, é de construir um sistema de pontuação que seja padronizado e eficiente estimador da capacidade de consumo, que discrimine coerentemente os grandes grupos de acordo com a sua capacidade de consumo de produtos e serviços acessíveis a uma parte significativa da população e que classifique os domicílios, assumindo como pressuposto que a classe é uma característica familiar, e acima de tudo, que seja de fácil coleta e operacionalização (KAMAKURA E MAZZON, 2013, p. 40).

A SAE tem como forma de aferir as classes sociais, a renda familiar e *per capita*. De acordo com a instituição,

o cálculo de renda é feito com o valor bruto obtido no mês dividido igualmente pelos familiares, independente de quantos trabalhem. De acordo com a Constituição de 1988, o salário mínimo deve suprir as necessidades básicas (alimentação, moradia, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social) do trabalhador e sua família.

Todos os critérios se baseiam em informações objetivas para a classificação socioeconômica e é apenas nisso em que concordam. O Critério Brasil se baseia em itens de conforto para classificar as pessoas em níveis sociais para fins de avaliar a capacidade de consumo para bens e serviços. Esses dados, entretanto contemplam a conquista de bens e serviços até a data da abordagem para aferir o status sócio econômico.

No Brasil, a divisão de classes começou a acontecer em 1970 quando a Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) estabeleceu que a divisão de classes ocorreria a partir da contagem de pontos da posse de 8 itens e teria 4 faixas de classificação: A, B, C, D. Esta divisão perdurou até 1974 (Revista de Administração, São Paulo, vol.30, num.1 – p57-74, janeiro/março de 1996)

Em 1976, a ABIPEME (Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado) foi criada e sugeriu alterações das subdivisões de classes, passando então a ser oito: A1; A2; B1; B2; C1; C2; D e E. A nova entidade denominada ANEP surgiu após a divisão da ABIPEME em 1991. Em 1997, surge o Critério Brasil endossado pelas três entidades: ABA/ABIPEME e ANEP.

### **3.6.1 Fatores Condicionantes para a Avaliação Socioeconômica**

É de suma importância o aprofundamento de novos estudos, visando a inserção de variáveis que indicam a qualidade de vida e o bem estar social dos indivíduos, visto que é um aspecto importante que merece peso na classificação socioeconômica das pessoas, além dos

itens de conforto, renda, educação, lazer, acesso a serviços públicos de qualidade e estado físico e psicológico.

### **3.6.1.1 Saúde**

A insatisfação das pessoas em relação aos serviços de saúde pública está relacionada à demora para marcação de consultas, às longas filas para receber atendimento médico, bem como à falta de especialistas, isto, é uma questão social. O acesso à saúde de que a classe média tradicional desfruta é muito diferente do que é oferecido, ou melhor, imposto pela saúde pública utilizada pelas pessoas de menor renda. A chamada nova classe média, agora com acesso a bens materiais, é negligenciada quando se trata de saúde pública. A saúde pública é uma necessidade humana geradora de bem estar e qualidade de vida que não é igualitária e afeta a população de baixa renda.

Segundo Andreazzi apud IBGE (2010), médico sanitário e pesquisador do IBGE, há diferenças marcantes quando se compara a qualidade dos equipamentos e dos profissionais do setor público e privado. Para Bouchard et al. (1990, p.3), a saúde é “um estado dinâmico de energia e vitalidade que permita a cada um, funcionando no pico de sua capacidade intelectual, realizar as tarefas do cotidiano” Para as pessoas de menor renda, que vivem nas periferias, falta tempo e disposição para práticas de exercícios, que melhorariam sua condição física, mental e a saúde, como também acesso e programas preventivos.

“Quanto mais aprimorada a democracia, mais ampla é a noção de qualidade de vida, o grau de bem-estar da sociedade e de igual acesso a bens materiais e culturais” (MATOS, 1999, p.3).

### **3.6.1.2 Educação**

De acordo com estudo realizado em 2010 pela ONU (Organização das Nações Unidas), as principais causas de desproporcionalidade social é a falta de acesso à educação de qualidade, a política fiscal injusta, baixos salários e dificuldade da população em desfrutar de serviços básicos oferecidos pelo Estado como saúde, transporte público e saneamento básico. Isso cria as diferenças e distanciamentos entre ricos e pobres.

As empresas vêm cada vez mais exigindo maior nível de escolaridade dos trabalhadores. Aos que não apresentam pelo menos ingresso no ensino superior, restam os cargos que não exigem qualificação técnica e conseqüentemente os menores salários, o que provoca a desigualdade de renda.

A educação é um dos fatores de mobilidade social, segundo a ABEP, através do Critério Brasil. Porém, as últimas pesquisas realizadas pelo MEC, indicam a existência de enfraquecimento nos níveis de ensino superior.

Se a educação está entre os fatores relacionados à desproporcionalidade social, veremos abaixo que a educação no Brasil, apesar dos indicadores de que houve crescimento no acesso da classe C à educação, vem diminuindo. Os dados revelam que a quantidade de alunos que concluíram os estudos nesse segmento da educação foi de 991.010 enquanto o número de matriculados era de 2.742.950 em 2013. “A noção de estrato sócio econômico enfatiza a conquista de status, usando escala de educação e renda como causa e efeito do status ocupacional” (MAZZON, 2013).

### **3.6.1.3 Profissão**

Para Sobreira apud Barone (2014), economista da Escola Brasileira de Administração Pública e Economia (EBAPE) da FGV-Rio, São pessoas da classe trabalhadora, porém ocupam cargos de nível médio-elevado, como por exemplo: gerentes, professores, profissionais liberais como advogados, dentistas, com acesso a lazer, educação, transporte, saúde, cultura, que lhes garantem um status por proporcionar um estilo de vida que dá condições de qualidade de vida e bem estar, mas que ainda não é uma vida de luxo, como encontramos na classe alta.

### **3.6.1.4 Segurança**

De acordo com a OMS, a violência pode ser subdividida em três grupos: auto infligida, interpessoal ou coletiva. A violência interpessoal, infligida por outra pessoa ou pequeno grupo de pessoas, abarca a violência urbana ou comunitária, a qual ocorre geralmente no espaço urbano, ou seja, fora de casa, entre pessoas sem laços de parentesco (consanguíneo ou não), que podem ser conhecidos ou estranhos. A falta de política de segurança pública nas periferias leva à prática de violência, desde furtos, agressões, homicídios e sérias disputas por pontos de droga, criando uma situação constante de medo nos moradores, afetando a qualidade de vida e o bem estar social, uma vez que a violência causa transtornos psicológicos como ansiedade, pânico e até dores físicas (MINAYO, 2005).

### **3.6.1.5 Moradia**

Faltam componentes a serem considerados quando se trata de qualidade de vida e bem estar social, alguns elementos fundamentais para a ascensão social, como por exemplo a moradia. Ter casa própria é o desejo da maioria das pessoas.

Morar é uma necessidade primária. De alguma forma é preciso morar, como é preciso vestir, alimentar. É necessidade básica do indivíduo. Historicamente, mudam as características da habitação, no entanto, é preciso morar (RODRIGUES, 1990, p. 11).

Entretanto, a conquista da casa própria exige um investimento e uma série de outras exigências que muitas vezes não permitem a viabilização desta conquista. As exigências não são somente financeiras, como baixo salário; para aqueles que pagam o aluguel, despesa que consome boa parte do orçamento doméstico, muitas vezes a solução é a construção em espaços como os fundos ou na parte superior da casa dos pais. Entretanto, não basta apenas morar, para que haja qualidade de vida e bem estar social, é preciso que haja certo conforto dentro daquilo que se possa esperar de uma moradia. “A habitação é parte do conceito de desenvolvimento sustentável, que considera a moradia adequada, condição determinante para a qualidade de vida da população” (IBGE, 2014).

### **3.6.1.6 Cultura**

“Um país se faz com homens e livros” (LOBATO, 1961 apud SIMÕES, 2003, p. 132). Para a Mestre em Pedagogia e Professora do CEFT (Centro de Educação e Tecnologia do Maranhão), Simões (2003, p.132),

a leitura é um processo para a formação do cidadão na sociedade de massa, (...) é capaz de influir diretamente na ascensão social das pessoas.” É através da leitura que o indivíduo ganha poder de comunicação, julgamento crítico, melhora seu convívio em comunidade, torna-se mais integrado, pois pode transmitir informações, estabelecendo um padrão de vida e conseqüentemente ascensão social.

A leitura que se dá por meio de revistas e jornais como fonte de informação não é suficiente para que se alcance ascensão social. Num sentido mais individual, pensa-se também que é pela leitura que o homem incorpora o instrumental necessário para a sua sobrevivência social. Um homem que não lê não vive em sociedade (o analfabeto tem uma leitura apenas visual e sonora, o que prejudica no seu crescimento profissional, na sua inserção social, na sua capacidade de compreensão, no seu estar-no-mundo); um homem que lê pouco interage menos – ou limitadamente; um homem que lê pouco tem menos capacidade de entendimento dos códigos sociais e culturais que se lhe apresentam por todos os lados – via meios de comunicação de massa, sobretudo; um homem que lê pouco tem uma reduzida

A inclusão social e o pertencimento a grupos sociais dependem da estabilidade econômica e dos juros baixos. Quando estes oscilam, os indivíduos mudam seus hábitos para

melhor adequação e equilíbrio os gastos. A nova classe média não compartilha, por exemplo dos mesmos lugares que a classe média tradicional, que tem ideologias, goza de certos privilégios, que lhe propiciam qualidade de vida (viagens a lazer e culturais) e tem por objetivo a exclusividade. Consegue com menor esforço e angústia passar pelos altos e baixos da economia, sem precisar abrir mão de necessidades básicas e sem perder o valor cultural.

### **3.6.1.6 Acesso a serviços públicos - Transporte**

A qualidade de vida não se resume apenas à questões de infraestrutura de saneamento básico e de edificação. Estende-se às questões de acesso ao transporte, que também é um indicador, senão de inclusão social, mas certamente de exclusão social. Portanto, soma-se a adequação da mobilidade urbana, numa combinação de outros fatores para o alcance da qualidade de vida e bem estar social.

Os moradores de áreas periféricas deixam de gozar de certos privilégios, na medida em que estão distantes dos lugares de interação social, e em geral, gastam horas indo e vindo do trabalho, restando pouco tempo para as relações intersubjetivas.

A função básica do transporte é integrar as áreas urbanas dos pontos de vista espacial, econômico, social e recreativo (BARAT & BATISTA, 1973).

A acessibilidade pode ser interpretada, portanto, como uma relação entre pessoas e espaço, e que, independentemente da realização de viagens, mede o potencial ou oportunidade para deslocamentos a atividades selecionadas. Sendo assim, a acessibilidade estaria diretamente relacionada à qualidade de vida dos cidadãos e traduziria a possibilidade de as pessoas participarem de atividades do seu interesse.

### **3.6.1.7 Fatores Psicológicos Individuais**

Os fatores que envolvem as condições gerais da vida privada e pública estão relacionados à qualidade de vida. Nesse sentido, o convívio em família e na coletividade e, principalmente, consigo mesmo, dão condições ao indivíduo de desfrutar de qualidade de vida, independentemente da posse de bens ou condições de poder de compra. Conforme Seidl e Zannon (2004), uma das expressões sobre a subjetividade é a manifestação do indivíduo sobre a sua própria percepção, sobre os aspectos do seu contexto de vida e seu estado de saúde.

Conforme a APA (American Psychological Association), o termo qualidade de vida pode ser compreendido como o grau em que uma pessoa obtém satisfação com a vida, sendo importante para a sua obtenção o bem estar emocional, material e físico; o envolvimento em relações interpessoais; a presença de oportunidade para o desenvolvimento pessoal; o exercício de direitos e escolhas de estilo de vida; além da participação na sociedade. Esses elementos

multifatoriais integram uma vida saudável, portanto é necessário em sua mensuração, considerar uma ampla gama de variáveis e domínios, como o desenvolvimento social, a educação, a condição saúde, o lazer, a condição de moradia, o nível de escolaridade, etc (LEAL, 2008).

As preocupações do dia-a-dia com a saúde, trabalho escassez de dinheiro, falta de tempo dedicado à família e a instabilidade no emprego somados à falta de lazer, cultura e de confiança nas políticas do governo, interferem na qualidade de vida, no bem estar e no padrão de vida das pessoas. Ter padrão de vida com qualidade é um conjunto de fatores que envolve o bem estar físico, mental e social, promovidos não só pela situação econômico financeira mas, também pela situação cultural e social. Essas separações, trabalho/vida, local de trabalho/local de moradia, tempo de trabalho/tempo livre, estão inter-relacionadas e caracteriza as sociedades e coloca em lados opostos os que têm a força de trabalho, dos que tem a força de produção (CALDEIRA 1984, p.115).

São esses benefícios intangíveis como saúde, física, mental e psicológica, que elevam o padrão de vida e também podem elevar uma pessoa ou família um padrão de vida confortável de tal forma a lhe permitir ascensão social. A qualidade de vida é fundamental para que haja o bem estar social, está relacionada à cultura e comportamento dos indivíduos e propicia condições favoráveis a padrões de vida que possam reduzir a distância existente entre as classes sociais, não só no que se refere à vida privada, mas também à vida pública. Vianna (1998) questiona se as alternativas que renovam as utopias de justiça social factíveis na medida em que as batalhas por maior homogeneidade socioeconômica e aprofundamento da democracia são vencidas terão viabilidade no Brasil.

### **3.7 - Qualidade de Vida**

A qualidade e de vida como forma de ascensão social não está relacionada apenas à posse de bens. Está relacionada diretamente às experiências de bem estar social e de realização pessoal. Não se trata de questão de foro exterior, mas sim interior. Para Pigou (1929), o bem estar econômico não pode ser tomado como medida de bem estar total, uma vez que esta última demanda aspectos de natureza não econômica, nomeados por ele como qualidade de vida. No contexto da época, o poder aquisitivo para conquistar bens materiais não garante qualidade de vida e bem estar social. O que garante ascensão social é a capacidade do indivíduo, da família ou grupo ter condições favoráveis para desfrutar de realizações pessoais, realizar tarefas prazerosas e condições para superar desafios, que possam estabelecer vínculos com grupos de interesse ou com grupos nos quais se inspiram ou almejam pertencer. É o conjunto desses

elementos que estabelece distância entre os níveis sociais. “É o direito a um mínimo de bem estar econômico e de segurança, ao direito de participar por completo da herança social e levar a vida de um ser civilizado de acordo com os padrões que se estabelecem na sociedade” (MARSAHALL, 1967, p.113).

Acentua-se neste estudo que o poder de compra não tem relação com a qualidade de vida, uma vez que mesmo as classes menos privilegiadas tendo aumentando seu poder de compra, estas não gozam de certos privilégios que propiciam qualidade de vida. Tais privilégios asseguram, além da qualidade de vida, o bem estar social, além de conferir às pessoas pertencentes a esta camada social, o status. Por esta razão, os métodos de análise atuais retratam o que as pessoas vêm adquirindo em se tratando de posse de produtos e serviços, ao longo do tempo, e não a situação econômica que vivem no presente ou no ato da abordagem da pesquisa. Tais instrumentos avaliam apenas o poder de compra, mas deixam de lado a qualidade de vida e o bem estar inerentes de cada grupo social. A conjuntura atual exige métodos que avaliem também estas questões subjetivas, que estão muito mais ligadas ao comportamento do que com a quantidade de itens ou bens adquiridos.

É necessário compreender que as diferenças que existem no montante comercializado para o mercado consumidor de produtos e serviços decorrem parte em função das prioridades que cada família estabelece na alocação do orçamento doméstico e parte em função da realocação devidas às restrições orçamentárias (KAMAKURA e MAZZOM, 2013, p. 19)

Colocar em neon que a classe C tem os mesmos privilégios, necessidades e qualidade de vida necessários para ascender à classe média, ou ainda, usar esse argumento como um mantra, pode ser um equívoco ou um exagero. “É mais uma idealização, como se realmente houvesse uma transformação do povo brasileiro” (MARANGONI, 2011). Para Bouchard et al. (1990, p.3), a saúde é “um estado dinâmico de energia e vitalidade que permita a cada um, funcionando no pico de sua capacidade intelectual, realizar as tarefas do cotidiano”

“Quanto mais aprimorada a democracia, mais ampla é a noção de qualidade de vida, o grau de bem-estar da sociedade e de igual acesso a bens materiais e culturais” (MATOS, 1999, p.3).

Conforme a APA (American Psychological Association) (2010), o termo qualidade de vida pode ser compreendido como o grau em que uma pessoa obtém satisfação com a vida, sendo importante para a sua obtenção o bem estar emocional, material e físico; o envolvimento em relações interpessoais; a presença de oportunidade para o desenvolvimento pessoal; o exercício de direitos e escolhas de estilo de vida; além da participação na sociedade. Esses

fatores multifatoriais integram uma vida saudável, portanto é necessário em sua mensuração, considerar uma ampla gama de variáveis e domínios, como o desenvolvimento social, a educação, a condição saúde, o lazer, a condição de moradia, o nível de escolaridade, etc (LEAL, 2008).

As preocupações do dia-a-dia com a saúde, trabalho escassez de dinheiro, falta de tempo dedicado à família e a instabilidade no emprego somados à falta de lazer, cultura e de confiança nas políticas do governo, interferem na qualidade de vida, no bem estar e no padrão de vida das pessoas. Ter padrão de vida com qualidade é um conjunto de fatores que envolve o bem estar físico, mental e social promovidos não só pela situação econômico financeira mas, também pela situação cultural e social.

Essas separações trabalho/vida, local de trabalho/local de moradia, tempo de trabalho/tempo livre, estão todas relacionadas uma a outra, o que caracteriza as sociedades e coloca em lados opostos os que têm a força de trabalho, dos que tem a força de produção (CALDEIRA, 1984, p.115).

Pode-se levar em consideração ainda, que as pessoas podem ter adquirido tais bens de outras formas que não através de compra. Por exemplo: uma pessoa pode ter adquirido bens ou itens de conforto por ocasião de união em casamento. Esses bens então poderiam ser ganhos de padrinhos e parentes e amigos e através das famosas listas de casamento. Outro exemplo seria o inverso, ou seja: um casal que se separa e um dos cônjuges volta para a casa dos pais e leva consigo os itens de conforto que irão se somar aos itens já existentes na casa dos pais.

Mattar (1995, p. 49) fala de alguns exemplos de possíveis casos de inadequação social ou inconsistência de status e destacam-se duas delas: “Indivíduos que nasceram em famílias ricas e tradicionais, mas que empobreceram” e “Famílias bem sucedidas financeiramente, mas que não são aceitas em certos grupos sociais”.

Não podemos deixar de observar também, que ultimamente vem crescendo as diferentes formas de composição e organização familiar. Com isso, mudam também as necessidades de consumo de bens e serviços, e as formas de empregar os recursos financeiros. Portanto, os métodos de status sócio econômico avaliam apenas o “passado” baseados em itens já obtidos, sem levar em conta a condição atual em que a pessoa pode estar vivenciando, como, por exemplo uma situação de desemprego, quando sua condição de consumo está bastante vulnerável (MAZZON, 2013). Pode-se exemplificar através de um caso bastante conhecido por todos, Eike Batista, foi considerado em 2010 o homem mais rico do Brasil e o 7º homem mais rico do mundo, segundo a revista Forbes. Porém, desde 2013, possui dívidas que chegam ao valor de US\$ 5 bilhões. Todos os aspectos observados até aqui são úteis para melhor

entendermos os aspectos subjacentes às percepções dos indivíduos sobre a sua situação sócio econômica.

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Participantes do Estudo

Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas 200 pessoas em pontos de fluxo nas diferentes zonas da cidade de São Paulo, sendo 50 na Zona Norte, 50 na Zona Sul, 50 na Zona Leste e outras 50 na Zona Oeste entre os dias 31 de maio de 2014 e 01 de junho de 2014. Os entrevistados têm entre 18 e 60 anos, são casados e o nível de escolaridade vai desde analfabetos até superior completo; as classes sociais estão distribuídas entre B1 e B2, e C1 e C2 pelo Critério Brasil de itens de conforto; A,B,C,D e E pelo Critério FGV de renda familiar e: Pobre, mas não extremamente pobre; Vulnerável; Baixa; Classe Média Média; Classe Média Alta; Classe Média, conforme tabelas abaixo.

Tabela 7: Critérios de Estratificação

<b>Critério SAE</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Até R\$ 648,00-Pobre mas não extremamente pobre</b>	2	1
<b>Até R\$ 1164,00-Vulneravel</b>	36	18
<b>Até R\$ 1764,00 – Baixa Classe Media</b>	37	18,5
<b>Até R\$ 2564,00-Media Classe Media</b>	36	18
<b>Até R\$ 4076,00-Alta Classe Media</b>	57	28,5
<b>Até R\$ 9920,00-Alta Classe Alta</b>	31	15,5
<b>Não sabe</b>	1	0,5
<b>Total</b>	200	100
<b>Critério Brasil</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>B1</b>	8	4
<b>B2</b>	63	31,5
<b>C1</b>	87	43,5
<b>C2</b>	42	21
<b>Total</b>	200	100
<b>Critério ABEP</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
	2	1
<b>Classe B: de R\$ 7.475,00 a R\$ 9.745,00</b>	5	2,5
<b>Classe C: de R\$ 1.734 a R\$ 7.475,00</b>	121	60,5
<b>Classe D: de R\$ 1.085,00 a R\$ 1.734,00</b>	36	18
<b>Classe E: de R\$ 0,00 a de R\$ 1.085,00</b>	36	18
<b>Total</b>	200	100

Tabela 8: Dados demográficos da amostra coletada

<b>Sexo</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Masculino</b>	101	50,5
<b>Feminino</b>	99	49,5

<b>Total</b>	200	100
Idade	N	%
<b>18 a 24 anos</b>	17	8,5
<b>25 a 34 anos</b>	59	29,5
<b>35 a 44 anos</b>	64	32
<b>45 a 55 anos</b>	60	30
<b>Total</b>	200	100
Estado Civil	N	%
<b>Casado(a)/ Mora junto</b>	200	100
Escolaridade	N	%
<b>Analfabeto/até 3ª Série fundamental</b>	10	5
<b>4ª Série Fundamental a 7ª Série Fundamental</b>	30	15
<b>Fundamental completo/Médio incompleto</b>	44	22
<b>Médio completo/ Superior incompleto</b>	101	50,5
<b>Superior completo</b>	15	7,5
<b>Total</b>	200	100

Tabela 9 Associação entre o critério Brasil e os demais critérios na frequência dos participantes do estudo

Critério FGV	Critério Brasil			
	<b>B1</b>	<b>B2</b>	<b>C1</b>	<b>C2</b>
<b>A - 2</b>	08	63	87	42
<b>B - 5</b>				
<b>C - 121</b>				
<b>D - 36</b>				
<b>E - 36</b>				
Critério SAE				
<b>Extremamente Pobre - 00</b>				
<b>Pobre mas não</b>				
<b>Extremamente Pobre - 02</b>				
<b>Vulnerável - 36</b>				
<b>Baixa Classe Média - 37</b>				
<b>Media Classe Média - 36</b>				
<b>Alta Classe Média - 57</b>				
<b>Baixa Classe Média - 31</b>				
<b>Alta Classe Alta - 01</b>				
<b>Total</b>				

Por conta da presença de discordâncias entre os diferentes critérios socioeconômicos, propusemos uma nova divisão da amostra em função dos grupos a seguir.

Quadro 3: Divisão dos Grupos

Grupo 1 – Pessoas pertencentes à classe C do Critério Brasil;
Grupo 2 – Pessoas pertencentes à classe C do Critério Brasil e Classe C da FGV
Grupo 3 – Pessoas pertencentes à classe C do Critério Brasil e SAE
Grupo 4 – Pessoas que concordam em todos os critérios
Grupo 5 – Outros (excluído) Porque não concordam nem discordam em nenhum
Grupo 6 – Pessoas que pertencem à classe C só no critério da FGV
Grupo 7 – Pessoas que pertencem à classe C no critério FGV e SAE
Grupo 8 – Pessoas que pertencem à classe C apenas no critério SAE.

#### 4.1 Análise Estatística Inferencial

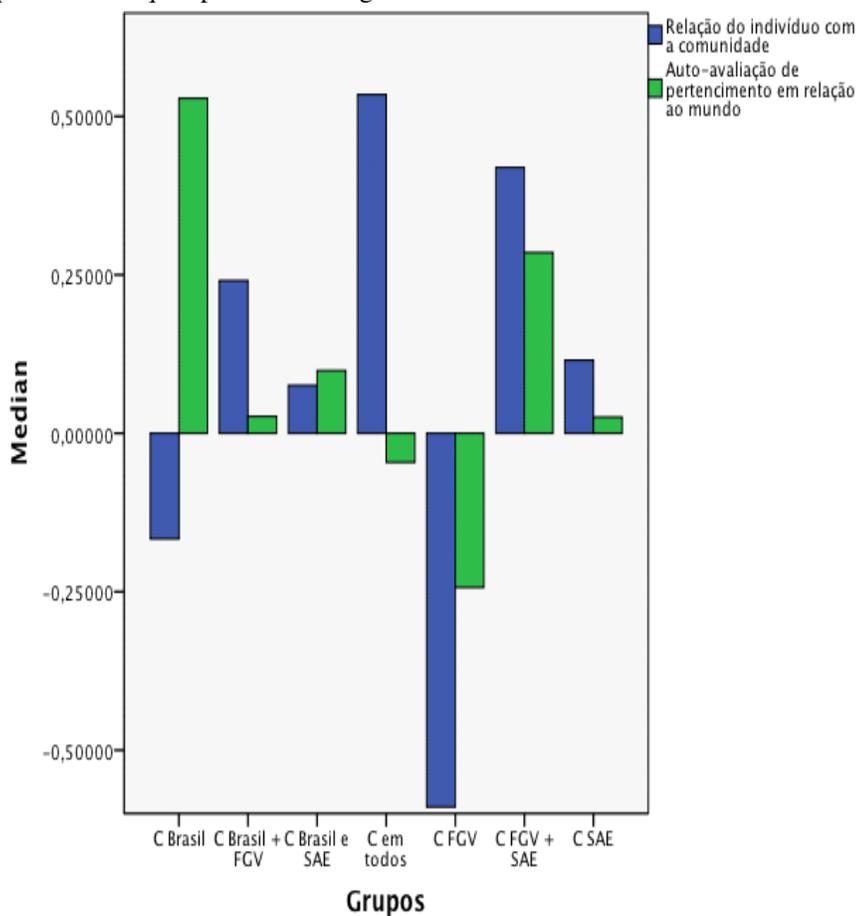
Para a análise estatística, foi feita uma Análise Fatorial de componentes principais com base nas 15 questões apresentadas no ANEXO – Tópico “Perguntas para questionário”. Com base nos fatores suscitados nesta análise, foram feitos testes ANOVA para verificar se existe diferença entre os grupos apresentados no Quadro 1 acima. Para todas as análises foi utilizado o software SPSS 18.0 e o índice de significância adotado foi de 5% ( $p < 0,05$ ).

Tabela 10 – Análise Fatorial Exploratória do questionário aplicado (15 questões)

Fatores suscitados pelo questionário	Questões perguntadas
Fator 1 - Relação do indivíduo com a comunidade	1 - Eu não sinto que eu pertença a alguma coisa que eu possa chamar de comunidade 2 – Eu me sinto próximo a outras pessoas na região em que vivo 4- Pessoas que fazem um favor não esperam nada em troca 11- A sociedade está parando de fazer progressos
Fator 2 - Sensação de pertencimento em relação ao grupo social	3- A região onde vivo é uma fonte de conforto para mim 8- Minhas atividades diárias não produzem nada em seja importante para minha sociedade ou local onde moro 9- Eu não tenho nada de importante para contribuir para a sociedade 14- Eu não tenho ideia sobre o que está acontecendo no mundo
Fator 3 - Percepção do indivíduo em relação ao mundo (Aspectos Negativos)	5- Pessoas não se importam com os problemas dos outros 12- A sociedade não está melhorando para pessoas como eu 13- O mundo é muito complexo para mim 15- Eu acho difícil fazer previsões sobre o que irá acontecer no futuro
Fator 4 - Percepção do indivíduo em relação ao mundo (Aspectos Positivos)	6 – Eu acredito que as pessoas são boas 7 – Eu tenho alguma coisa valiosa para dar ao mundo 10 – O mundo está começando a ficar um lugar melhor para todos

A análise fatorial mostrou a existência de 4 fatores latentes nas questões perguntadas aos participantes. Com base nestes fatores, foi realizada a ANOVA a seguir.

Figura 4 Efeito dos grupos de classificação socioeconômica em função dos dois fatores dos questionários que apresentaram significância estatística



Com base no resultado da ANOVA, temos efeito das classificações em diferentes critérios em função dos fatores “Relação do indivíduo com a comunidade” w “Sensação de Pertencimento”. O Post Hoc Bonferroni mostrou diferenças entre o Grupo C pela classificação da FGV e os demais grupos (para os dois fatores). Além disso temos diferença no fator “Sensação de Pertencimento” para o grupo C apenas pelo Critério Brasil e os demais grupos.

Perguntamos também aos participantes o quanto eles achavam que iriam viver (expectativa de vida). Encontramos diferenças entre o Critério FGV (Média 76,5 anos), quanto à percepção de longevidade, onde os entrevistados deste grupo acreditam que irão viver menos em relação aos demais grupos.

## 4.2 Outros resultados Quantitativos

Em um passo posterior da pesquisa, entramos em contato com 8 pessoas que foram entrevistadas anteriormente e responderam aos questionários. Foi selecionado um participante representante de cada um dos grupos apresentados no Quadro 1. Destacam-se aqui os resultados provenientes desta entrevista em profundidade feita por telefone.

Quando perguntado de que forma costuma se informar:

“Televisão, internet. Jornal quando alguém compra eu leio.” - Janaina – C1-Brasil/E FGV/ Vulnerável-SAE.

“Raro eu ler livros, jornal eu assisto todos os dias na Televisão, não assino nenhum jornal nem revista.” - Vera Lucia Souza Santos, 47 anos - C1 Brasil/C-FGV/ACM-SAE

Tabela 11: Assina Revistas e Jornais

		N	%
	<b>Sim</b>	4	2,0
	<b>Não</b>	196	98,0
	<b>Total</b>	200	100,0
Quais Revista Assina			
		N	%
	<b>Placar</b>	1	,5
	<b>Veja</b>	1	,5
	<b>Super Interessante</b>	1	,5
	<b>Manequim</b>	1	,5
	<b>Total</b>	4	2,0
	<b>Missing</b>	196	98,0
Assina Jornais			
		Frequency	Percent
Valid	Não	200	100,0

## 4.3 Questões Relevantes da Entrevista

Na fase Qualitativa deste estudo, foram levantadas questões de aspectos pessoais relacionados à Qualidade de Vida e Bem estar Social. Foram solicitados a cada um dos participantes que descrevessem o que acreditam ser Classe Alta, classe Média e Classe Baixa. Em seguida foi solicitado aos participantes que nos dissessem como cada um se percebe dentro de cada uma dessas classes que acabaram de descrever e após análise pudemos obter os seguintes resultados:

11 - O que é Classe Alta?

Na opinião dos entrevistados é ter muito dinheiro, porém as pessoas de classe alta também precisam trabalhar para manter o dinheiro que tem, mas tem um emprego bom, não

precisam “se matar de trabalhar”. Moram em bairros bons como Alphaville, Morumbi e não pagam aluguel. São cercados de segurança, têm cultura, viajam para o exterior, têm acesso a tudo que é bom como alimentação e lazer, é ter capital financeiro para bancar coisas de luxo e de qualidade, mas sem precisar trabalhar muito. Possuem mais de um carro e são carros importados, tipo Ferrari. Frequentam lugares chiques e consomem o que querem. As pessoas de classe Alta foram definidas assim:

*“A pessoa classe Alta é a pessoa rica e tem tudo o que quer”*

*“Tem capital financeiro e cultural para ter acesso a tudo que é bom”*

*“São os empresários e os jogadores de Futebol”*

*“Pessoas que não vivem com a corda no pescoço”*

*“A Anna Hickmann é classe alta”*

12 - O que é classe média?

Para os participantes, as pessoas de classe média tem casa própria, tem carro mas não importado, um carro bom, comprado. Compram carro em prestações, mas conseguem pagar. Têm acesso à cultura e ao lazer e têm um emprego, que pode bancar essas coisas. Ganham bem para os filhos estudarem em escolas particulares.

*“ Classe média é ter dinheiro para ter casa própria e carro bonito, viajar e ter lazer”*

*“ É uma pessoa que luta para ter o que quer com trabalho e estudo”*

*“ É a pessoa que conhece os seus direitos e corre atrás do que quer, como lazer, cultura e educação”*

*“ Classe Média não fica muito distante da classe Alta”*

*“ Tem muita gente que se acha classe media porque tem um bom emprego, mas não tem casa própria para morar”*

13 - O que é classe Baixa?

São os mais pobres, que trabalham muito para sobreviver. Moram na periferia e acordam cedo para trabalhar, chegam mais tarde em casa porque andam de ônibus, não sobra tempo para lazer e família. Para se divertirem, vão a Shoppings e a Parques de diversões públicos, coisas simples. Não têm acesso à educação e à cultura, por isso não tem um emprego bom. Dependem da Bolsa Família porque não têm renda para sobreviver.

*“ Depende dos parques públicos para as crianças brincarem”*

*“ É a pessoa que vive de bolsa família, porque não tem renda”*

*“ É a pessoa que não tem acesso a cultura, não tem trabalho e não tem saneamento básico”*

*“É a pessoa que trabalha para sobreviver, faltando coisas em casa. Só compra alguma coisa com o 13º. Salário”*

*“É quem mora na periferia”*

14 - Onde você se enquadra? Você se considera classe Alta, Media ou Baixa?

Os entrevistados que se consideram como pertencentes às classes médias e média – media:

*Porque tenho um emprego, estudo e pretendo me formar.*

*Porque tenho uma casa, o terreno é da Prefeitura mas o tijolo é meu e sou capaz de ter um emprego – Vera Lucia Souza Santos – 47 anos - C1 Brasil/C-FGV/ACM-SAE*

*Não tenho dinheiro mas na medida do possível tenho acesso as coisas: tenho acesso á educação.- Janaina – C1-Brasil/E FGV/ Vulnerável-SAE*

Os entrevistados que se consideram classe baixa:

*Porque ganho pouquinho e preciso ter dois empregos para manter a família - Alex C1-Brasil/E-FGV-Vulnerável -SAE*

*Porque não tenho um emprego bom, e não tenho um salário bom. Para chegar a ser classe media, tenho que ter um emprego melhor, com remuneração melhor. Tenho um trabalho legal, não falta nada em casa. Não chego a ser uma classe média, porque classe média é mais sossegada com dinheiro” - Marilena Ramos Silva- Igual em todos os criterios – C1-Brasil/C-FGV/Media-Media-SAE.*

15 - O que falta para ser classe média, para quem se considera classe baixa:

*Melhorar a qualidade de vida em tudo. Ter uma atividade/emprego melhor para ter uma remuneração melhor e aí conseguir viver melhor” Claudinei-C2-Brasil/C-FGV-ACM-SAE.*

*Falta eu ter um lugar próprio, não pagar aluguel para que eu possa me sentir mais segura, ai sim eu posso me considerar classe média.-,Marilena Ramos Silva C1-Brasil/C-FGV/Media-Media-SAE.*

*C1 Brasil/C-FGV/ACM-SAE*

16 - Expectativa de futuro em 5 anos.

Ter casa própria para ser a maior das expectativas das pessoas que não possuem um lugar próprio para morar. Para os que estão estudando é conseguir terminar os estudos e se formar. Ter saúde é essencial para as pessoas, não ficar doente porque não dá para depender da saúde pública, investir em negócio próprio, como por exemplo uma frutaria na garagem de casa. Colocar os filhos em escola particular para que ele tenha um estudo de qualidade. Aposto em ações do Governo para aumento de salários.

*“Moro em cima da casa dos meus pais e casa quero ter minha própria” Claudinei-C2-Brasil/C-FGV-ACM-SAE*

*“Deitar e dormir sossegada” Vera Lucia Santos Souza- C1 Brasil/C-FGV/ACM-SAE*

*“Acho que vou estar na mesma situação” Ana Lucia-B2 Brasil/C-FGV/MM-SAE*

*“Manter o bom humor. A gente tem que ter bom humor para viver bem, tem que rir, cumprimentar os vizinhos” Vera Lucia Santos Souza- C1 Brasil/C-FGV/ACM-SAE*

*“Acho que minha qualidade de vida vai melhorar nos próximos 5 anos. Quero ter grana para pagar os estudos dos meus filhos em escola particular. Eles já estudavam em escola particular mas tirei por falta de grana. Estarei formada e aí eu vou mudar de classe, vou para classe média” Janaina – C1-Brasil/E FGV/ Vul-SAE*

*“Abrir meu próprio negócio, minha frutaria, quem tem negócio próprio, é classe média” Alex C1-Brasil/E-FGV-Vul-SAE*

O que pudemos verificar na fase qualitativa, num primeiro momento, é que os entrevistados têm uma preocupação com a moradia. Na fase quantitativa, 65% dos respondentes declararam morar em casa própria. Porém na fase qualitativa constatou-se que o que declararam como casa própria (na fase quantitativa) não verdade são casas construídas em terreno (nos fundos ou em cima) da casa dos pais e até mesmo em áreas irregulares.

*“Não me sinto segura, se a Prefeitura chegar aqui e pedir o terreno eu perco tudo, por isso preciso trabalhar e me preparar para ter onde correr quando precisar”*

Outra preocupação é com a educação dos filhos. Os filhos dos entrevistados estudam em escolas públicas, e existe uma preocupação com a qualidade do ensino.

*“Hoje é assim, as crianças não sabem ler e vão pro colegial. Tenho sobrinho que está no colegial e não sabe ler, como ele está lá?”*

*“Na escola pública não tem disciplina, e escola que não tem disciplina não é boa”*

Já em relação à escolaridade do entrevistado, a maioria, principalmente as mulheres, estão concluindo o ensino superior. Um fato interessante é que essas mulheres já são casadas, têm filhos e trabalham, o que não as impediu de continuar ou retomar os estudos e de irem em busca de cultura e conhecimento. Já nos entrevistados do sexo masculino, não se percebe vocação para a vida acadêmica.

Já o lazer, parece estar bastante comprometido entre os entrevistados. O fato de trabalharem o dia todo, além de alguns terem dois empregos e alguns ainda estudam, disseram não sobrar tempo para o lazer. O pouco que fazem nesse sentido é dar uma volta no shopping, ou frequentar espaços públicos. As atividades relacionadas a esportes também não foram

marcadas como rotineiras, mas é também uma necessidade para dos entrevistados. A falta de lazer e atividades relacionadas a esportes foram justificadas como:

*“A gente depende dos parques públicos para as crianças brincarem”*

*“Gostaria de ter mais tempo para fazer nataçãõ mas, quando chego em casa ainda tenho muita coisa pra fazer”*

*“Fazia academia mas, tive que parar por falta de dinheiro”*

Frequentar academias, praticar esportes é uma característica da classe média. Não só no que se refere a práticas esportivas, mas também como idas ao cinema, teatros e casas de shows, está longe de fazer parte da rotina dos entrevistados.

*“Nem me lembro qual foi a ultima vez que fui ao cinema”*

*“Ir ao shopping com as crianças é muito difícil porque eles pedem coisas que nem sempre a gente tem dinheiro pra comprar, a gente vai só para olhar”*

*“De vez em quando levo as crianças numa esfiharia para comer. Elas gostam de lá. É no Esfíha Chic”*

As viagens, feitas uma vez ao ano ou menos, em geral são para casa de parentes, sempre em finais de ano, para visitas sociais, mas nenhum entrevistado declarou fazer viagens de cultura ou lazer, como também não se percebeu habito de viagens em finais de semana ou feriados prolongados, tampouco declararam ter propriedades fora da cidade.

*“Vamos para casa de parentes, passamos os finais de ano lá”*

*“Tenho parentes em Petrópolis. Quando viajamos ficamos na casa deles mas, ultimamente não temos ido”*

Quanto a estilos e moda, os entrevistados não declararam estar preocupados em consumir marcas, mas consomem moda, apesar de terem afinidades com marcas famosas. Não é preciso comprar roupas de marca para estar na moda, e o importante é que se sintam bem com a roupa. Para andar na moda não precisa ser com roupa de marca. Porém, o tênis tem que ser de marca. Ao que parece, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, tênis de marca é confortável e vale a pena pagar mais por isso e pagam mesmo que parcelado.

*“Compro tênis parcelado no cartão, pelo menos suma vez por ano”*

*“Não vou pela marca, compro aquilo que fica bom em mim. Em lojas de rua”*

Preocupação com a saúde foi algo demonstrado por todos os participantes. Não tem planos de saúde e usam a saúde pública, como hospitais e SUS. Reclamam da demora e falta de qualidade no atendimento, porém nenhum disse investir em planos de saúde particular para minimizar a situação.

*“Quando chega o dia da consulta o médico não é o mesmo, já é outro e aí você tem que começar tudo de novo”*

*“Quebrei o braço e fui para o pronto socorro. Chegando lá nem ortopedista tinha”*

A imagem que os entrevistados fazem do que é classe alta é bastante clara. É ter bom emprego, ser empresário e não se preocupar com segurança. Ter dinheiro para poder viajar e ter acesso a tudo que é bom, como carros importados. É morar em bairros nobres como Alphaville e Morumbi, comer bem e ter condições de dar escolas particulares para os filhos.

A imagem que fazem da classe média está bem definida na mente dos entrevistados. Para eles, ser classe média é ter casa própria, ter carro bom, não importado mas, comprado zero. Ter empregos com boa remuneração, que dê para pagar a prestação do carro; Ter filhos em escola particular e viajar a lazer. É uma pessoa que tem estudo e por isso tem melhores cargos no trabalho, e conhece seus direitos. Vai atrás de cultura, lazer e educação e que por isso não está muito distante da classe Alta.

A noção que o entrevistado tem de classe baixa é clara e diz que são pessoas que moram na periferia, acordam mais cedo e dormem mais tarde porque dependem do transporte público. Trabalham mais horas por dia e não têm tempo pra família, diversão ou lazer e dependem de bolsa família.

Dos seis entrevistados, três pessoas se declaram baixa, uma classe média baixa e uma classe média - media. Apenas uma das entrevistadas se considera de classe média.

Quando é perguntado aos entrevistados, o que lhes falta para ser classe média, dizem que falta ter um emprego melhor, uma renda melhor, ser mais sossegado em relação a dinheiro para melhorar a qualidade de vida, ter mais lazer, ter casa própria para se sentirem mais seguros.

A expectativa de vida dos entrevistados para daqui a 5 anos é de que vai melhorar. É realizar o sonho da casa própria para os que ainda pagam aluguel; concluir os estudos; colocar os filhos em escola particular, ter um emprego melhor ou abrir o próprio negócio para aumentar a renda. Além disso, é cuidar da saúde, dormir sossegado e manter o bom humor.

*“Moro em cima da casa dos meus pais e quero ter minha própria casa”*

*“Acho que vou estar na mesma situação”*

*“Acho que minha vida vai melhorar nos próximos cinco anos. Quero ter grana para pagar estudos para os meus filhos em escola particular(...)estarei formada e aí vou mudar de classe, vou para a classe media”*

*“Daqui a cinco anos vou “abrir” meu próprio negocio. Minha frutaria”*

## 5 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

O critério utilizado atualmente, tanto pela ABEP quanto pela FGV e SAE, tem como ferramentas a mensuração de itens de conforto e renda, ou seja, é embasado em informações objetivas do quadro econômico, entretanto não avalia as condições culturais, qualidade de vida e bem estar social.

Esses são fatores importantes a serem avaliados quando se fala em mobilidade social, pois têm relação com qualidade de vida e bem estar. São esses critérios subjetivos que realmente podem avaliar as condições que as pessoas vivem, bem como o seu poder de consumo, que não está associado apenas ao que o indivíduo está disposto a pagar pelo bem ou serviço, mas à forma e condições nos quais esses produtos e serviços são consumidos, mensurando suas reais condições de pertencimento à essa ou àquela classe social, uma vez que o bem estar e a qualidade de vida são fatores subjetivos, mas que integram uma vida saudável tanto física quanto psicológica, formando um conjunto de indicadores que possam revelar uma realidade mais próxima de hierarquização e dimensão de status social. Portanto, há que se voltar o olhar para as questões de qualificação de serviços públicos, por exemplo, e para o excesso de consumo, que nem sempre representam status ou qualidade de vida. Isto demonstra que as formas e sistemas para a avaliação deveriam ser multifatoriais e não apenas uma prática discursiva para atrair a atenção midiática de interesse de instituições políticas e de anunciantes, que deveriam levar em conta as práticas de efeito social.

Na verdade, não houve uma mobilidade social. O que ocorreu foi uma melhoria na vida das pessoas de renda mais baixa, por efeito de políticas sociais, porém estas pessoas continuam na marginalidade, buscando inclusão social e ainda enfrentam resistências por parte da classe média tradicional, permanecendo na base da pirâmide na busca de um padrão de vida desejável ou ao menos idealizado.

A qualidade de vida é de difícil compreensão por ser de caráter subjetivo e englobar fatores de ordem cultural, social e de educação, além de conter aspectos relacionados ao conforto no lar e no trabalho, à garantia do direito ao acesso a serviços públicos como lazer e cultura, meio de transporte, saúde, educação e lazer. Espera-se que estes fatores possam garantir um estado de saúde físico e mental e emocional que sustentem e garantam um mínimo de bem estar e de qualidade de vida, aspectos esses essenciais para o desenvolvimento humano. Os instrumentos utilizados para aferir estratificação socioeconômica não deveriam passar apenas pelos índices econômicos e quantitativos, mas também pelos aspectos subjetivos e qualitativos

dos indivíduos que compõem a sociedade em que estão inseridos, promovendo e melhorando suas relações sociais, seus valores e motivações.

A posse de bens de consumo, a faixa de renda familiar ou *per capita* muito pouco revelam sobre a real situação de classe social das pessoas, principalmente quando levamos em conta a região em que vivem. As necessidades das pessoas que moram em determinadas regiões do país podem não ter relevância para os que vivem em outras regiões. O Brasil é um país contrastante e de grandes proporções. O fato de se utilizar qualquer um dos critérios em território nacional já aponta discrepâncias no que se refere aos resultados obtidos, visto que diferenças não são apenas regionais, mas também culturais e sociais, fatores que influenciam diretamente na qualidade de vida e bem estar social.

### **5.1 A importância da Qualidade de Vida na mensuração de classes sociais:**

Para que se dê o salto e se galgue de classe social, é necessário que haja uma combinação multifatorial e sair do básico. O poder de compra de itens, que nem sempre geram conforto, a falta de acesso à educação de qualidade, bem como a falta de lazer e cultura, levam à situações de stress e são partes que, quando existem na vida privada e pública das pessoas, geram bem estar social e propiciam qualidade de vida. É com esse conjunto de coisas que se pode planejar ações e ultrapassar as barreiras difíceis de serem transportadas, fazendo com que os sonhos e a conquista dos desejos tornem-se realidade. Tais conquistas não ocorrem por mero acaso. É necessário ter capacidade de entrar em contato e compreender o mundo e a sociedade em que se vive e lançar um olhar animador para o futuro para atingir resultados positivos. Neste contexto, leva o indivíduo a harmonizar-se com a sociedade, aumentando sua capacidade de julgar e decidir-se sobre seus atos, elevando o padrão de vida e as expectativas de um futuro melhor.

### **5.3 Importância para os estudos em pesquisa de mercado**

Faz-se importante avaliar a possibilidade de realizar pesquisas Qualitativas usando a técnica de Focus Group e/ou Pesquisas em Profundidade com o intuito de que os resultados nos tragam parâmetros, critérios e hipóteses que venham a embasar a confecção de uma ferramenta a ser utilizada em estudos Quantitativos e Qualitativos, levando-se em conta as variáveis já utilizadas nos Critérios de Avaliação Sócio Econômica vigentes no país, porém com a inserção de variáveis que apontem para a Qualidade de Vida e Bem Estar Social, para aferir e classificar as pessoas em seus estratos social.

Faz-se também necessário a possibilidade de estudarmos regionalização dos critérios, tendo em vista as diferenças existentes entre as regiões do país, atribuindo pesos diferentes para as variáveis, de acordo com a região em que o estudo será realizado.

Segundo o coordenador do Comitê do Critério Brasil, Pilli apud De Chiara (2014), existe um novo modelo de Estratificação Sócio Econômica, que será utilizado a partir de 2015. Pela nova ferramenta de medida, levará em conta a renda familiar, a posse de bens, tipo de moradia, nível educacional e acesso a serviços públicos, que permitirá um retrato mais fiel do País.

O que se propõe, enfim, é que se transcorra uma discussão entre os métodos SAE/FGV e Critério Brasil no sentido de que haja um único critério de avaliação socioeconômica e também cultural, levando-se em conta a relevância e especificidade de cada um e que sejam adotadas como variáveis as condições de qualidade de vida e bem estar social. Sugere-se ainda que seja implementada, sobretudo a regionalização desse critério único, o que dará alicerce para que possamos entender com maior rigor e fidelidade as definições de classes sociais, obedecendo as diferenças e heterogeneidades existentes nesse território chamado Brasil.

O estudo proposto visa contribuir com os Institutos de Pesquisa de Mercado, com as Diretorias de Marketing, Empresas Privadas e com as Agências de Propaganda em nível nacional, para realização de projetos nos quais a situação socioeconômica das pessoas seja relevante.

## RERÊNCIAS

ARAÚJO, M. R. M.; OLIVEIRA, J.M.; JESUS, M.S. et al. Transporte Público Coletivo: Discutindo Acessibilidade, Mobilidade e Qualidade De Vida. **Psicologia & Sociedade**. 23 (3): 574-582, 2011.

BARONE, V. As Várias Faces da Classe Média. **Semana On**. Ano III, n 146. Disponível em: <<http://www.semanaon.com.br/conteudo/261/as-varias-faces-da-classe-media>>. Acesso em: 05/01/2015.

BLECHER, N. A Invasão das Marcas Talibãs. **Revista Exame**. 31/12/2002. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0757/noticias/a-invasao-das-marcastalibas-m0050616>>. Acesso em: 18/11/2014.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

CALDEIRA, T. P. R. **A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores de Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2009.

CABRAL, J. F. P. **As Classes Sociais no Pensamento de Karl Marx**. Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/filosofia/as-classes-sociais-no-pensamento-karlm Marx.htm>>. Acesso em: 06/01/2015.

CARDOSO, C. E. P. **Análise do transporte coletivo urbano sob a ótica dos riscos e carências sociais**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

CARNEIRO, H. M. S. Leitura e Inclusão Social. **Revista de Letras** (Fortaleza), Universidade Federal do Ceará, v. 1/2, n.25, p. 132-135, 2003.

DE CHIARA, M. Classes C, D e E reúnem 68% dos brasileiros. Essa é a estratificação do Brasil de acordo com o novo critério de classificação social. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 09/12/2014. Caderno Economia. Disponível em: < <http://m.estadao.com.br/noticias/economia,classes-c-d-e-e-reunem-68-dos-brasileiros-,1604195,0.htm>>. Acesso em 12/01/2015.

FERRAZ, Cç L. Marxismo e Teoria das Classes Sociais. **Politeia: Hist. e Soc.**, Vitória da Conquista, v. 9, n. 1, p. 271-301, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/politeia/article/viewFile/570/566>>. Acesso em 06/01/2015.

KLUTHCOVSKY, A.C.G.C. e TAKAYANAGUI, A. M. M. Qualidade de vida: Aspectos conceituais. **Revista Salus**. Guarapuava, PR, p. 13-15, jan./jun. 2007.

LEAL, C. **Reavaliar o conceito de qualidade de vida**. Açores, Portugal: Universidade dos Açores, 2008.

LEMOS, M. R. Estratificação Social Na Teoria De Max Weber: Considerações Em Torno Do Tema. **Revista Illuminart**. ano IV, nº9, 5/Nov/2012. Disponível em: <

[http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes\\_anteriores/volume1numero9/Artigos%20Numero%209/07.pdf](http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero9/Artigos%20Numero%209/07.pdf)>. Acesso em: 06/01/2015.

LOBATO, C.H. **Concepções Sobre o Processo de Leitura. Cambiassu - Estudos em Comunicação.** São Luis, v.7, n. 1, p. 166-173, jan-jun/97.

MARANGONI, N. Classe C: Uma Explosão de Crédito e Consumo. **Revista da ESPM.** São Paulo, jul/ago 2011. Disponível em: <[http://acervo-digital.espm.br/revista\\_da\\_espm/2011/jul\\_ago/05%20ENTREVISTA%20MARANGO\\_NI.pdf](http://acervo-digital.espm.br/revista_da_espm/2011/jul_ago/05%20ENTREVISTA%20MARANGO_NI.pdf)>. Acesso em: 15/11/2014.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, Classe Social e Status.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

MATOS. As formas modernas do atraso. **Folha de São Paulo.** Primeiro Caderno, p. 3, 27 de setembro 1998.

MATTAR, F. N. ABIPEME. **Revista de Administração da Universidade de São Paulo.** São Paulo, p. 57 a 74, 1995.

\_\_\_\_\_. Análise crítica dos estudos de estratificação sócio-econômica de ABA - ABIPEME. **Revista de Administração.** São Paulo, v.30, nº 1, p. 57-74-jan/mar de 1995.

MAZZON, J. A. **Estratificação Sócio Econômica e Consumo no Brasil.** São Paulo, Editora Blucher, 2013.

MINAYO, M.C.S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: **Impacto da Violência na Saúde dos Brasileiros.** Brasília, DF, 2005, p. 9-33.

PIEDADE, A. F. **Capital Cultural Como Elemento Estratificador Da Sociedade.** Belo Horizonte, 2009.

PREVIDELLI, A. Quem é Classe Média no Brasil? **Revista Exame.** 20/09/2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/afinal-quem-e-classe-mediano-brasil>>. Acesso em: 06/01/2015.

RAMALHO, A. M. Criação de Empregos com Carteira Assinada Recua 20% em Agosto. **globo.com.** Conta Corrente, 11/09/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globonews/conta-corrente/platb/2014/09/11/criacao-de-empregos-com-carteira-assinada-recua20-em-agosto/>>. Acesso em: 15/11/2014.

RODRIGUES, A. M. **Moradia nas cidades brasileiras.** São Paulo, Editora Contexto, 1988.

SAFATLE, V. “Criatividade do Lulismo Está Esgotada”, diz Professor de Filosofia da USP. **Brasil de Fato.** 17/02/2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/12122>>. Acesso em: 18/11/2014.

SEIDL, M. F.e ZANNON, C.M.L.C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de saúde pública.** São Paulo, 2004.

SOUZA, A. e LAMOUNIER, B. **A Classe Média Brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade**. Rio de Janeiro, Elsevier. Brasília, DF, CNI, 2010.

VILARTA, R e GONÇALVES, A. **Qualidade de Vida, Concepções Básicas Voltadas à Saúde**. Barueri, Manole, 2004.

WERNECK VIANNA. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. Rio de Janeiro, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Americanização (Perversa) Da Seguridade Social No Brasil**. Rio de Janeiro, Revan, 1998.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS DE CAMPO

CLASSIFICAÇÃO SOCIAL – NOVO CRITÉRIO BRASIL 1-. Você tem em casa? Quantos [as]?						
	(RU)	Não tem	Tem / Quantidade			
			1	2	3	4 ou +
1	TV em cores	0	1	2	3	4
2	Videocassete ou DVD	0	2	2	2	2
3	Rádios (Exceto rádio de carro)	0	1	2	3	4
4	Banheiros (Com Vaso Sanitário)	0	4	5	6	7
5	Automóveis de Passeio	0	4	7	9	9
6	Empregadas Mensalistas	0	3	4	4	4
7	Máquina de Lavar Roupas (Somente com centrífuga)	0	2	2	2	2
8	Geladeira (1 ou 2 portas*)	0	4	4	4	4
9	Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2
10	Aspirador de pó	0	0	0	0	0

(\*) Independente ou 2ª porta da geladeira

### ENTREVISTADOR:

- 1) Não incluir TV Preto e Branco para contagem de pontos para classificação social.
- 2) Se a geladeira possuir duas portas (duplex), ela é contada tanto como geladeira, quanto como freezer.
- 3) Coletar a posse de aspirador de pó, independente de não pontuar.

### 2. Grau de instrução do CHEFE DA FAMILIA

Nomenclatura atual	Para Contagem de pontos	Nomenclatura anterior
	<b>B. Chefe da Família</b>	
	<b>Pontos</b>	
Analfabeto/até 3ª Série fundamental	<b>0</b>	Analfabeto/Primário Incompleto
4ª Série Fundamental a 7ª Série Fundamental.	<b>1</b>	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio incompleto	<b>2</b>	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/ Superior incompleto	<b>4</b>	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	<b>8</b>	Superior Completo

### .CLASSE BRASIL: PONTUAÇÃO

<b>A1</b>	42 a 46 pontos	<b>1</b>	
<b>A2</b>	35 a 41 pontos	<b>2</b>	
<b>B1</b>	29 a 34 pontos	<b>3</b>	

<b>B2</b>	23 a 28 pontos	<b>4</b>	
-----------	----------------	----------	--

**Total de  
Pontos**

**Classe**

<b>C1</b>	18 a 22 pontos	<b>5</b>	
<b>C2</b>	14 a 17 pontos	<b>6</b>	
<b>D</b>	8 a 13	<b>7</b>	
<b>E</b>	0 a 7 pontos	<b>8</b>	

**Dados do novo critério a partir de 2015**

	Tem/ QUANTIDADE						
	Não tem 0	1	2	3	4	5	6
Microcomputador							
Lava-louça							
Microondas							
Motocicleta para uso pessoal							
Motocicleta para uso profissional							
Motocicleta para uso pessoal e profissional							
Secadora de roupa							

	Sim	Não
Água encanada	1	2
Rua pavimentada	1	2

Data \_\_\_\_\_ Hora Inicio: \_\_\_\_\_

QUESTIONARIO DE AVALIAÇÃO DE NIVEIS DE CONFORTO E EXPECTATIVA DE  
QUALIDADE DE VIDA

Qual o seu nome: \_\_\_\_\_

Fone(s) residencial \_\_\_\_\_ comercial \_\_\_\_\_ celular \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ : Zona : (N-1) (S-2) (L-3) (O-4)

Sexo: ( 1 ) masculino ( 2 ) feminino - Qual a sua Idade: \_\_\_\_\_

18 a 24 ( ) - 25 a 34 ( ) - 35 a 44 ( ) - 45 a 55 ( )

Estado Civil: ( 1 ) Casado(a) / Mora junto

1) A casa em que você mora é ( 1 ) própria ou ( 2 ) alugada? Sua casa tem quantos quartos? \_\_\_\_\_

2) Quantas pessoas moram na residência: \_\_\_\_\_

3) Quantas são menores de 18 anos? \_\_\_\_\_

4) Quantas Contribuem com a renda familiar: \_\_\_\_\_

5) Recebe alguma auxilio do Governo, tipo Bolsa Família etc? Se sim Qual  
Qual \_\_\_\_\_

6) É assinante de revistas/jornais ( ) sim ( ) não Quais: \_\_\_\_\_

7) Quantos livros leu nos últimos 6 meses \_\_\_\_\_

8) Pretende viajar, a lazer nos próximos 6 meses? Pra  
onde: \_\_\_\_\_

**I** –Em uma situação real: você prefere ganhar dinheiro agora ou prefere esperar e ganhar uma quantia maior de dinheiro mais tarde?

**Qual opção você prefere? Escolha uma opção em cada linha.**

a) ( )	R\$ 34,00 amanhã	ou	R\$ 35,00 daqui a 186 dias	( )
b) ( )	R\$ 47,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 daqui a 160 dias	( )
c) ( )	R\$ 22,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 daqui a 136 dias	( )
d) ( )	R\$ 49,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 daqui a 89 dias	( )
e) ( )	R\$ 19,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 daqui a 53 dias	( )
f) ( )	R\$ 34,00 amanhã	ou	R\$ 50,00 daqui a 30 dias	( )
g) ( )	R\$ 14,00 amanhã	ou	R\$ 25,00 daqui a 19 dias	( )
h) ( )	R\$ 25,00 amanhã	ou	R\$ 60,00 daqui a 14 dias	( )
i) ( )	R\$ 11,00 amanhã	ou	R\$ 30,00 daqui a 7 dias	( )

**Critério de classificação de classe social por renda – FGV – 2011**

- 1) Classe A: Acima de R\$9.745,00.....( )
- 2) Classe B: de R\$7.475,00 a R\$9.745,00.....( )
- 3) Classe C: de R\$1.734 a R\$7.475,00.....( )
- 4) Classe D: de R\$1.085,00 a R\$1.734,00.....( )
- 5) Classe E: de R\$0,00 a de R\$1.085,00.....( )

GRUPOS DE RENDA DA POPULAÇÃO				
Classificação do governo (SAE)			Novo critério a ser adotado pela Abep em 2014	
Grupo	Renda per capita	Renda familiar	Grupo	Renda média familiar
Extremamente pobre	Até R\$ 81	Até R\$ 324	1	R\$ 854
Pobre, mas não extremamente pobre	Até R\$ 162	Até R\$ 648	2	R\$ 1.113
Vulnerável	Até R\$ 291	Até R\$ 1.164	3	R\$ 1.484
Baixa classe média	Até R\$ 441	Até R\$ 1.764	4	R\$ 2.674
Média classe média	Até R\$ 641	Até R\$ 2.564	5	R\$ 4.681
Alta classe média	Até R\$ 1.019	Até R\$ 4.076	6	R\$ 9.897
Baixa classe alta	Até 2.480	Até R\$ 9.920	7	R\$ 17.434
Alta classe alta	Acima de 2.480	Acima de R\$ 9.920	--	

*Fontes: Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) e livro "Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil"*

Qual é sua renda pessoal R\$ \_\_\_\_\_

### Perguntas para questionário

Dê uma nota de 0 a 10, sendo que 0 (não concordo em nada) e 10 (concordo totalmente) com as frases abaixo:

- 1 - Eu não sinto que eu pertença a alguma coisa que eu possa chamar de comunidade \_\_\_\_\_
- 2- Eu me sinto próximo a outras pessoas na região em que vivo. \_\_\_\_\_
- 3- A região onde vivo é uma fonte de conforto para mim. \_\_\_\_\_
- 4- Pessoas que fazem um favor não esperam nada em troca \_\_\_\_\_
- 5- Pessoas não se importam com os problemas dos outros \_\_\_\_\_
- 6- Eu acredito que as pessoas são boas \_\_\_\_\_

- 7 - Eu tenho alguma coisa valiosa para dar ao mundo\_\_\_\_\_
- 8 - Minhas atividades diárias não produzem nada que seja importante para minha sociedade ou local onde moro\_\_\_\_\_
- 9 - Eu não tenho nada de importante para contribuir para a sociedade\_\_\_\_\_
- 10 - O mundo está começando a ficar um lugar melhor para todos\_\_\_\_\_
- 11- A sociedade está parando de fazer progressos\_\_\_\_\_
- 12- A sociedade não está melhorando para pessoas como eu\_\_\_\_\_
- 13 - O mundo é muito complexo para mim\_\_\_\_\_
- 14 - Eu não tenho idéia sobre o que está acontecendo no mundo\_\_\_\_\_ 15 - Eu acho fácil fazer previsões sobre o que irá acontecer na sociedade no futuro\_\_\_\_\_
- 16 - Se você tem alguma coisa para dizer, você acredita que as pessoas em sua comunidade vão ouvir você\_\_\_\_\_
- 17 - Você acredita que outras pessoas na sociedade valorizam você como uma pessoa\_\_\_\_\_
- 18- Você pensa que outras pessoas são instáveis\_\_\_\_\_
- 19 -Eu acredito que pessoas são auto-centradas\_\_\_\_\_
- 20-Você acredita que as pessoas não são confiáveis\_\_\_\_\_
- 21-Você acredita que as pessoas vivem apenas para elas mesmas\_\_\_\_\_
- 22- Você acredita que as pessoas estão mais e mais desonestas atualmente\_\_\_\_\_
- 23-Seu comportamento tem algum impacto em outras pessoas em sua comunidade\_\_\_\_\_
- 24-Você não tem tempo ou energia para dar nada para sua comunidade\_\_\_\_\_
- 25-Você acha que você não tem nada de importante para contribuir para a sociedade\_\_\_\_\_
- 26-Você acha que seu trabalho produz um produto importante para a sociedade\_\_\_\_\_
- 27-Você acha que as instituições sociais como a justiça e o governo não estão fazendo sua vida melhor\_\_\_\_\_
- 28-Você vê a sociedade evoluindo constantemente\_\_\_\_\_
- 29-Você acha que a sociedade é um local produtivo para as pessoas viverem\_\_\_\_\_ 30-Para você não existe essa coisa de progresso social\_\_\_\_\_
- 31-Cientistas são as únicas pessoas que podem entender como o mundo funciona\_\_\_\_\_
- 32-Muitas culturas são tão estranhas que você não consegue entendê-las\_\_\_\_\_ 33-Você acha válido entender o mundo onde você vive\_\_\_\_\_

**Agora avalie estes aspectos de sua vida cotidiana: de 0 a 10**

34 - Qual é a sua avaliação sobre a segurança na região em que mora \_\_\_\_\_

35 - Qual é a sua avaliação sobre o transporte público na região em que mora \_\_\_\_\_

36 - Qual é a sua avaliação sobre os serviços de saúde públicos na região em que mora \_\_\_\_\_

37 - Qual é a sua avaliação sobre os serviços de saúde privados na região em que mora \_\_\_\_\_

38 - Qual é a sua avaliação sobre a Copa do Mundo no Brasil? \_\_\_\_\_

39 - Qual é a sua avaliação sobre os serviços de lazer na região em que mora \_\_\_\_\_

**Sobre a Situação Política no País: de uma nota de 0 a 10 onde Zero é Muito Ruim e**

**10 é Excelente**

40- Qual é a sua avaliação do nível de corrupção dos políticos na cidade onde você mora \_\_\_\_\_

41- Qual é a sua avaliação do nível de corrupção dos políticos no Estado onde você mora \_\_\_\_\_

42- Qual é a sua avaliação do nível de corrupção dos políticos no Brasil \_\_\_\_\_ **O quanto você concorda com as seguintes afirmações de 0 a 10:**

43- O Brasil seria um país mais democrático sem políticos e sem congresso nacional \_\_\_\_\_

44- Se na lei diz que devo fazer uma coisa, aceito sem questionar \_\_\_\_\_

45- O Brasil é um país democrático \_\_\_\_\_

46- Democracia é a melhor forma de governo \_\_\_\_\_

47- Só sigo uma lei se eu sei exatamente como ela funciona e porque ela existe \_\_\_\_\_

**Agora avalie estes aspectos de sua vida pessoal: de 0 a 10**

48 - O quanto você avaliaria seu estado geral de saúde? \_\_\_\_\_

49 - O quanto você avaliaria a qualidade do seu sono? \_\_\_\_\_

50 - Você ronca? Sim ( 1) ou não (2)

51 - Você range os dentes enquanto dorme? Sim (1) ou não (2)

52 - Você demora para pegar no sono? Sim (1) ou não (2)

53 - Você acorda no meio da noite e depois não consegue mais dormir? Sim (1) ou não (2)

54 - Você acorda no meio da noite com dor de cabeça? Sim (1) ou não (2)

55 - Você tem pesadelos? Sim (1) ou não (2)

**Em uma escala de 0 a 10, sendo 0 (nada) e 10 (extremamente), o quanto vc se sente preocupado com:** 56 - Suas dívidas \_\_\_\_\_

57 - Seu futuro \_\_\_\_\_

58 - Sua segurança física \_\_\_\_\_

59 - Sua saúde mental \_\_\_\_\_

60 - Sua satisfação com o trabalho \_\_\_\_\_

61 - Sua satisfação afetiva/casamento \_\_\_\_\_

- 62- Sua satisfação sexual \_\_\_\_\_
- 63 - Não deixar faltar nada em casa (alimentos) \_\_\_\_\_
- 64 - Seu desenvolvimento acadêmico (cursos e estudos) \_\_\_\_\_
- 65 - Sua religião \_\_\_\_\_
- 66 - Seus filhos \_\_\_\_\_ (9) não tem
- 67 - Seus parentes \_\_\_\_\_
- 68- Sua casa \_\_\_\_\_
- 69- Sua felicidade \_\_\_\_\_
- 70 - Até que idade você acha que vai viver? \_\_\_\_\_

